



Número 233
Maio 2021

FATOS DO ANJO

*Mãe, Corredentora
e Medianeira*

RECONQUISTA
FORMAÇÃO CATÓLICA

CURSO ONLINE

1917
FÁTIMA
SEGREDOS E PROFECIAS



Cadastre-se para saber mais!
<http://fatima.arautos.org/>

ISSN 1982-3193

Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

**ASSINATURA E
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:**
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação

Assinante (anual): R\$ 204,00 únicos

Participante (por tempo indeterminado):

Colaborador..... R\$ 40,00 mensais

Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais

Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais

Exemplar avulso R\$ 17,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.



Este produto é impresso na PLURAL - uma empresa comprometida com o meio ambiente e com a sociedade, oferece produtos com o selo FSC, garantia de manejo florestal responsável.



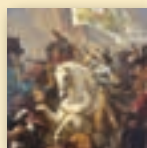
Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.

Av. Marcos Pentead de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

Escrevem os leitores 4

Só Corredentora? (Editorial) 5



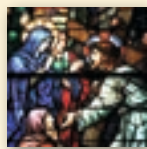
A voz dos Papas –
A vitória final
é sempre da Fé

6



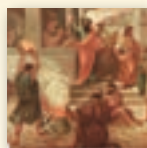
Comentário ao Evangelho –
O melhor meio de
permanecer em Jesus

8



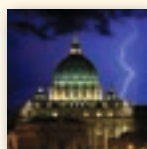
A Mãe Corredentora

14



A virtude da sagacidade –
“Sua unção vos ensina
a respeito de tudo”

20



O Deus das vinganças está
Se aproximando
e vai vencer

24



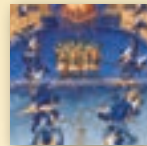
Uma mensagem profética

28



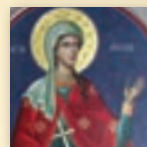
São Bernardino de Siena –
Voz para um mundo
em declínio

30



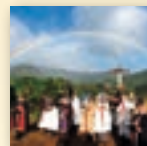
Guerra de extermínio
entre Anjos e demônios

34



Despretensão e
generosidade

38



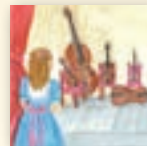
Arautos no mundo

42



Aconteceu na Igreja e
no mundo

44



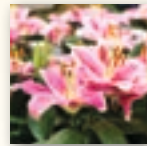
História para crianças... –
De quem é a culpa?!

46



Os Santos de
cada dia

48



Flor predileta de Deus

50



Revista Arautos do Evangelho online

Tenha acesso ao conteúdo
da revista diretamente
de seu celular.

Acesse: revistacatolica.com.br



ESCREVEM OS LEITORES



MODELO DE CONFIANÇA E CATORICIDADE

Acompanho assiduamente os artigos publicados na revista *Arautos do Evangelho*. Seus belos conteúdos enriquecem-nos de conhecimentos que elevam a alma e fortalecem, cada dia mais, a espiritualidade. Sobretudo o artigo referente a Da. Lucilia, que nos inspira um modelo ideal católico de como ser esposa e mãe, numa época tão caótica como a que vivemos. A serenidade, a perseverança, a confiança e a fé são virtudes exercitadas e colocadas em prática diariamente, graças à inspiração desses artigos maravilhosos. Obrigada pela contribuição que exercem na formação católica da minha família.

*Jocimara Aparecida Pontes Ferreira
Mogi das Cruzes - SP*

ABORDAGEM CLARA E EDUCATIVA

Conheço a revista *Arautos do Evangelho* há mais de dez anos e sempre achei sua abordagem muito clara e educativa para entender as questões mais profundas da Fé Católica. Por meio da Revista pude me aprofundar na doutrina da Igreja e aprimorar meu conhecimento a respeito da vida dos Santos, que é a seção da qual mais gosto.

*Carlos Poveda
Bogotá - Colômbia*

DAR TESTEMUNHO DE NOSSA FÉ

Ao ler o artigo *Morte ao Nazareno!*, na edição de março passado, veio-me à mente como somos fáceis de manipular, deixando-nos levar, às vezes, pelas emoções ou circunstâncias do momento e, máxime, se estamos em grupo. Se com Nosso Senhor, com quatro dias de diferença, passaram de louvá-Lo a crucificá-Lo, que temos a

esperar da atualidade, onde reina o relativismo, o pecado e o caos? Ante tantas ofensas, sacrilégios e profanações, nós católicos devemos deixar o medo de lado e, além de rezar e reparar, dar testemunho de nossa Fé. Não podemos tornar a crucificar a Cristo com nosso silêncio e cumplicidade!

*Carmen Pardo
Madri - Espanha*

SOFRER COM CRISTO DA ALEGRIA A NOSSAS ALMAS

Meus cumprimentos aos estimados colaboradores desta magnífica Revista. Chamou-me a atenção o artigo sobre o sofrimento, na edição de março passado: *Como escalar a mais gloriosa montanha?* Em nossa época, todos queremos viver sem dor. A medicina científica cura tudo, dizem. Por que sofrer? Para quê? Devemos aprender dos cristãos de ontem e de hoje: eles entendiam que sofrer com Cristo dá alegria e purificação a nossas almas.

*Nicolás Benítez Valencia
Las Palmas de Gran Canaria - Espanha*

AUMENTANDO O NOSSO AMOR PELA IGREJA

Parabéns pelos assuntos e matérias abordadas na Revista, sempre nos ensinando e aprofundando nos mistérios de nossa Fé Católica, e aumentando o nosso amor pela Santa Igreja. Lembrando sempre que somente podemos amar aquilo que conhecemos.

*Carlos Campanella
São Caetano do Sul - SP*

UMA PEQUENA CORREÇÃO...

Desculpe uma correção no esplêndido artigo do Sr. Ney Henrique Meireles, na edição de abril último: *"Dai-me também a coragem, a força e a fé"*. Ali aparecem duas fotos como sendo de André Zirnheld, autor da *Oração do Paraquedista*. A primeira delas, em branco e preto, é realmente dele,

quando ainda era professor de Filosofia, bem antes de se tornar paraquedista. Já a foto colorida, que infelizmente circula pela internet como sendo dele, apresenta outro paraquedista francês, o cabo Jean-Paul Hamel, que lutou no Vietnã, posteriormente.

São coisas da "globalização", que acaba veiculando equívocos. De qualquer forma, mais uma vez, parabéns ao Sr. Ney pelo artigo!

*José Manuel Jiménez Aleixandre
Via revistacatolica.com.br*

SANTINHOS DE DA. LUCILIA

Paz e bem. Escrevo de Malta. Tenho lido muito sobre Da. Lucilia em sua Revista e gostaria de saber se vocês têm estampinhas dela, com a oração pedindo por sua glorificação. Agradeço antecipadamente toda a ajuda possível nesse sentido. Cordiais saudações.

*Dennis Mifsud - Grão-Prior da
Confraria dos Cavaleiros de
São Pedro e São Paulo
Gozo - Malta*

SOCORRO MATERNO E PROVIDENCIAL

Prezada equipe de redação da revista *Arautos do Evangelho*, quem vos escreve é uma leitora que, à sua maneira, é uma apoiadora desta associação. Leio a vossa Revista e acho interessantes seus artigos; porém, a página em que me detive foi a dedicada a Da. Lucilia e aos seus maternos e providenciais auxílios.

Sem perda de tempo, pesquisei na internet para conhecer um pouco mais sobre a vida dessa amável senhora (aliás, muito parecida com minha querida avó, Maria) e não há artigo que não contenha palavras doces e delicadas sobre a vida e o trabalho desta senhora, o suficiente para levar-me a invocá-la nos momentos mais difíceis de minha vida!

*Daniela Martucci
Sant'Andrea del Garigliano - Itália*

SÓ CORREDENTORA?

O pecado de nossos primeiros pais significou para a natureza humana uma verdadeira tragédia, cujas nefastas consequências se transmitiram à posteridade de Adão através de Eva, “a mãe de todos os viventes” (Gn 3, 20). Em contrapartida, o Senhor recriminou a Serpente tentadora: “Porei inimizade entre ti e a Mulher, entre a tua descendência e a d’Ela. Esta te ferirá a cabeça” (Gn 3, 15). Foi preciso esperar alguns milênios para que, como uma espécie de revide, a Providência enviasse essa Nova Eva – identificada pela Tradição com Maria Santíssima –, que repara a culpa da antiga e aplasta o demônio.

Santo Agostinho se pergunta por que Deus aguardou tanto tempo para resgatar o gênero humano, e responde que, por ser algo que se possuiria para sempre, a Redenção deveria ser longamente prenunciada por uma série de arautos (cf. *In Ioannis Evangelium*. Tractatus XXXI, n.5), o último dos quais foi sem dúvida a própria Nossa Senhora. Seu *fiat* não só anunciou, mas efetivou o advento do Messias (cf. Lc 1, 38), e em seu claustro virginal, por um mistério insondável, seu sangue se fundiu com o Sangue redentor – *Sanguis Christi, sanguis Mariæ* –, confirmando simbolicamente seu papel, ainda que relativo, na remissão sacrificial do primeiro pecado.

Já no Calvário, durante os padecimentos de Cristo, o pranto de Nossa Senhora anunciaria a Redenção. Após a Crucifixão, o Corpo de Jesus seria conduzido novamente ao colo de sua piedosa Mãe, cujas lágrimas se misturariam com o Sangue salvador. Por fim, em Pentecostes, por meio d’Ela se iniciaria o novo regime de graças nascidas pelo sacrifício do Cordeiro Divino.

Isso considerado, pode-se concluir a missão corredentora da Mãe de Deus não apenas porque Pontífices e teólogos se pronunciaram nesse sentido, mas também pela própria congruência dos fatos narrados nas Sagradas Escrituras.

Analisada de um modo superficial, a expressão *Corredentora* pode parecer excessiva. Contudo, se esse e tantos outros títulos atribuídos a Nossa Senhora pela Igreja ao longo dos séculos fossem fruto de piedosos exageros, seria difícil entender por que Ela prenunciou no *Magnificat* que todas as gerações A chamariam bem-aventurada (cf. Lc 1, 48).

Se Maria Santíssima fosse tão somente Mãe, como apregoam os luteranos, como explicar que Ela, através dos séculos, tenha gerado filhos redimidos pela promessa do Salvador (cf. Jo 19, 26-27)? Se fosse uma mulher qualquer, como se escuta em círculos anticatólicos, por que seu Divino Filho A enviaria como mensageira em diversas aparições através dos tempos? Essas interpelações só reforçam em nossos corações o papel central de Maria nos desígnios divinos.

Plêiades de Santos, Papas e a própria Nossa Senhora prenunciaram uma futura era marial, para a qual Ela já está preparando seus filhos diletos. Considerando o paroxismo de pecado a que chegou o mundo hodierno, por que não supor que isso se efetivará por meio de uma analógica “redenção”, cujas características ainda não nos foram desveladas? Nada mais plausível. E, se a nossa hipótese se confirmar, novos atributos marianos brotarão dos lábios dos fiéis, confirmando o famoso dito de São Bernardo: “De Maria nunca se dirá o suficiente”. ✧



**Maria Auxiliadora -
Casa de Formação
Thabor, Caieiras
(SP)**

Foto: Paulo Alberth



A vitória final é sempre da Fé

Vida longa ou breve, triunfo ou aparente derrota, solidez da rocha ou fragilidade de uma donzela: pouco importa! O exemplo de Santa Joana d'Arc nos mostra que às dores do Calvário sempre sucederá a manhã da Ressurreição.

Nesta solene hora na qual toda uma nação cristã, representada pelas suas mais eminentes personalidades, oferece ao Senhor uma Missa de ação de graças sob as abóbadas de uma maravilhosa catedral que ressurge para a vida tal qual um enfermo que superou com energia e pertinácia uma grave crise;¹ nesta hora em que celebrais o V Centenário da reabilitação de Santa Joana d'Arc, como uma grande família que reencontra num de seus filhos a encarnação de seus mais elevados e representativos valores, sentimos uma grande consolação em manifestar, também nós, a alegria que enche nossa alma em vos felicitar, filhos bem amados, por esta festa de uma casa de Deus e de uma heroína da santidade que são legítimas glórias vossas.

Entretanto, naquele triste dia da primavera de 1431, quem, retornando ao lar com os olhos baixos e o coração oprimido após ter presenciado a tragédia da Praça do Velho Mercado, fixasse o olhar na grandiosa fachada de vossa catedral à busca de conforto, teria jamais imaginado que este histórico dia reuniria Joana e essa catedral como se pairasse sobre ambas um destino de vocação divina, de morte aparente e de gloriosa ressurreição? [...]

Prédio símbolo de realidades imortais

Necessário seria remontar aos séculos em que a História se confunde com a lenda, para rememorar as vicissitudes pelas quais passou vossa catedral. [...]

Foi nela que, como numa bíblia de pedra, vossos avós leram as verdades da Fé, acompanharam com admiração as grandes proezas de seus ancestrais, contemplaram as mais puras belezas postas a serviço do mais elevado ideal, aprenderam a rezar e, simultaneamente, sentiram-se mais irmãos uns dos outros, sob o amparo de suas grandes arcadas. Suas arrojadas linhas lhes apontavam o caminho do Céu, e a leveza de suas estruturas lhes ensinava o desapego do mundo.

Passariam pelo luminoso céu da Normandia centelhas de incêndio, nuvens da guerra carregadas de terror e desolação, e até as trevas criadas pelo abandono dos homens e os sacrílegos excessos da Revolução. Mas a catedral ficará sempre de pé, encontrará sempre a mão e o coração que lhe darão vida nova, porque ela simboliza realidades imortais e seus fundamentos se apoiam sobre o rochedo da Fé, de uma Fé sentida e transformada em substância de vida até formar a mais essencial característica de um povo. [...]

Virgem frágil, sólido edifício de virtudes

Que contraste entre essa inalterável estabilidade e as débeis aparências da humilde jovem chamada a desempenhar tão importante papel na história da França! Entretanto, essa criança de tão frágil aparência se tornava, ela também, um sólido edifício; tal qual uma catedral enraizada no solo, ela assentava seus alicerces no amor à pátria, num veemente desejo de paz e numa sede de justiça que haveriam de arrancá-la da sombra na qual ela parecia estar confinada para lançá-la no violento curso da História.

Tendo sido escolhida por Deus, uma inabalável consciência de sua missão, um ardente desejo de santidade, alimentado pela vontade de melhor corresponder à sua excelsa vocação, fizeram-na superar os obstáculos, ignorar os perigos, enfrentar os poderosos da terra, envolver-se nos problemas internacionais de sua época e transformar-se em comandante revestida de ferro, terrível no assalto. Mais de um ano de campanha semeada de combates e vitórias – a tomada de Orleans, a sagração do rei em Reims, as intermináveis cavalgadas, os ferimentos e as prisões – parecem páginas magníficas de uma lenda dourada.



Um ardente desejo de santidade, alimentado pela vontade de melhor corresponder à sua excelsa vocação, fizeram-na enfrentar os poderosos da terra

Santa Joana d'Arc, por Hermann Anton Stilke - Museu do Hermitage, São Petersburgo (Rússia)

Mas, face à simplicidade exemplar, ao perfeito desinteresse e ao ideal imaculado, erguem-se a prudência do mundo, a cupidez, a incompreensão e a corrupção que maquinarão para isolá-la, imobilizá-la e fazê-la parecer como um perigoso inimigo. Sinistras sombras retornaram ao céu da Normandia, a escuridão tornou a cobrir por um momento a luminosa cidade de Rouen.

E eis que uma vez mais as chamas de uma fogueira reavivam o incêndio numa de suas praças; ressoam no silêncio as palavras de uma mártir fiel à sua vocação, repleta de fé na Igreja, à qual apelava, invocando o dulcíssimo nome de Jesus, sua única consolação. Através da fumaça que sobe, ela fixa a cruz, certa de que um dia obterá justiça. [...]

Exemplo de fé, docilidade e força

Vida longa ou breve, triunfo ou aparente derrota, solidez da rocha ou fragilidade de uma pobre jovem

mortal: pouco importa quando existe uma verdade imutável, uma fé inabalável, o amor a uma pátria imortal, a expectativa de uma paz que é uma exigência natural do coração humano, a sede de uma justiça que prevalecerá forçosamente na hora fixada pela História, na hora da reconstrução, da reabilitação, da ressurreição. Lei necessária que une sempre o sacrifício ao triunfo, a humilhação à glória, o mistério do Calvário à aurora luminosa da manhã da Ressurreição.

Feliz do povo que recorda, mesmo que seja para enfrentá-lo, se necessário, o julgamento dos homens, como soube fazer Joana com admirável constância e inalterável serenidade; para não recusar o sacrifício, que ela viu chegar sem temor e com maravilhosa energia; para ser sempre fiel à vocação, sobretudo nos momentos mais difíceis. Joana d'Arc se apresenta assim aos cristãos de nosso tempo como um modelo de fé sólida e atu-

ante, de docilidade a uma altíssima missão, de força nas provações. [...]

Por sua vida exemplar, sua consagração a um ideal e seu perfeito sacrifício, ela ensina a todos o caminho seguro neste século de sensualidade, de materialismo, de despreocupação, que gostaria de fazer esquecer o rumo traçado pelos melhores heróis e a via que conduz ao imponente portal das velhas catedrais.

Erguei os olhos e admirai

Não é raro acontecer que nos momentos mais críticos – assim como uma rajada de vento rompe as nuvens e deixa ver a estrela que guiará o navegante ao porto – o Senhor envie a inspiração sobrenatural que deve fazer de uma alma a salvação de seu povo.

Erguei, pois, os olhos, filhos bem amados, dignos representantes de uma nação que se gloria do título de Filha Primogênita da Igreja, e fitai os grandes exemplos que vos precederam; erguei os olhos e admirai essas esplêndidas catedrais que perduram entre vós como um símbolo vivo da Igreja Católica no seio da qual crescestes. [...]

Se acontece que do lado de fora sopra o mau vento, se a mentira, a cupidez e a incompreensão tramam o mal, se vos parece até que vós mesmos vos tornareis vítimas, considerai vossos heróis reabilitados, vossas catedrais reconstruídas, e vos convencereis uma vez mais de que a última vitória é sempre a da Fé, da santa Fé indestrutível, da qual a Igreja Católica é a única depositária. ✧

Excertos de: PIO XII.
*Radiomensagem pelo quinto
centenário da reabilitação
de Santa Joana d'Arc, 25/6/1956 –
Tradução: Arautos do Evangelho*

¹ N. do E: Gravemente danificada durante a Segunda Guerra Mundial, a Catedral de Rouen foi reconsagrada pelo arcebispo metropolitano no dia 17/6/1956.



João Paulo Rodrigues

Jesus com seus discípulos - Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, Belém (Pará)

EVANGELHO

Naquele tempo, Jesus disse a seus discípulos: ¹“Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor. ²Todo ramo que em Mim não dá fruto Ele o corta; e todo ramo que dá fruto, Ele o limpa, para que dê mais fruto ainda. ³Vós já estais limpos por causa da palavra que Eu vos falei. ⁴Permanecei em Mim e Eu permane-

rei em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós não podereis dar fruto, se não permanecerdes em Mim. ⁵Eu sou a videira e vós os ramos. Aquelle que permanece em Mim, e Eu nele, esse produz muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer. ⁶Quem não per-

manecer em Mim, será lançado fora como um ramo e secará. Tais ramos são recolhidos, lançados no fogo e queimados. ⁷Se permanecerdes em Mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e vos será dado. ⁸Nisto meu Pai é glorificado: que deis muito fruto e vos torneis meus discípulos” (Jo 15, 1-8).

O melhor meio de permanecer em Jesus

Na videira verdadeira há um sublime conduto pelo qual a seiva da graça corre abundante até nós, sem risco de ser desperdiçada.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – SÍMBOLO DA NOSSA UNIÃO COM JESUS

Quando percorremos as páginas dos Evangelhos, deparamo-nos com muitas analogias usadas por Nosso Senhor Jesus Cristo ao tratar a respeito de Si com os Apóstolos e o povo. Após a multiplicação dos pães, por exemplo, Ele Se revela à multidão como “o Pão da Vida” (Jo 6, 35); mais adiante, numa discussão com os fariseus, declara ser “a Luz do mundo” (Jo 8, 12); ao expor a célebre metáfora do redil das ovelhas, apresenta-Se enquanto porta (cf. Jo 10, 9) e, na mesma ocasião, afirma ainda: “Eu sou o Bom Pastor” (Jo 10, 11).

No trecho de São João selecionado pela Liturgia do 5º Domingo da Páscoa, encontramos o Divino Mestre na intimidade do convívio com seus discípulos, propondo-lhes a lindíssima imagem da videira cujo agricultor é o Pai.

Para compreendermos bem essa passagem, devemos analisá-la pelo prisma de Deus, que vê todas as coisas em Si mesmo com inteira perfeição. Sendo eterno, Ele está fora do tempo e contempla constantemente, num perpétuo presente, tudo quanto aconteceu, acontece e acontecerá.

Nesta perspectiva, podemos concluir que Nosso Senhor escolhe a figura da videira por uma razão superior: conhecendo desde sempre a união que o Filho estabeleceria com os homens quando Se encarnasse, o Pai criou esse vegetal não só com vistas à Eucaristia, mas também para simbolizar o dinamismo da vida sobrenatural que seu Unigênito lhes concederia.

Eis a maravilhosa realidade descrita pelo Redentor nos versículos do Evangelho deste domingo, os quais equivalem a um dos mais belos tratados teológicos já elaborados sobre o mistério da graça.

II – DE JESUS DEPENDEMOS E N’ELE DEVEMOS PERMANECER

Na primeira parte do capítulo 14 de São João, contemplada pela Liturgia da semana anterior, Nosso Senhor ressaltava a importância da Fé e assegurava aos discípulos: “Voltarei e vos levarei comigo, a fim de que onde Eu estiver estejais também vós” (14, 3). Ao ouvir essas palavras, decerto eles imaginaram que o Mestre regressaria fisicamente e então tornariam a

*Na
intimidade
do convívio
com seus
discípulos,
Jesus propõe-
lhes a
lindíssima
imagem da
videira*

*A expressão
“videira
verdadeira”
sugere a
existência
de falsas
vides, como
as que Nosso
Senhor teve
diante de Si*

acompanhá-Lo tal como o faziam naquele momento; entretanto, o sentido das palavras de Jesus era diferente.

Com efeito, o Salvador permanecerá conosco “até o fim do mundo” (Mt 28, 20), realizando de vários modos essa promessa: no Sacramento da Eucaristia, na infalibilidade pontifícia, na santidade que pervade a História da Igreja, consumada nas almas confirmadas em graça, entre outros. Contudo, a forma fundamental pela qual Ele perpetua sua presença entre nós é a explicitada no Evangelho de hoje.

Há também falsas videiras...

Naquele tempo, Jesus disse a seus discípulos: ¹“Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor”.

Quem já teve oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de uma parreira sem dúvida notou como ela cresce, floresce e frutifica com certa nobreza e distinção. Não se vê a circulação da seiva, mas dela provém o vigor dos sarmentos, das folhas e das flores que depois cederão lugar aos cachos de uva. Quando esse fluxo se interrompe, cessa a vida.

Assim também se passa em relação a Jesus: o Homem-Deus é a videira em que nascem e da qual dependem todos os batizados. E ao Pai se atribui o ofício de agricultor, pois foi Ele quem enviou o Filho ao mundo para nos salvar, constituindo-O nosso Mediador, a fim de recebermos de sua plenitude “graça sobre graça” (Jo 1, 16).

Entre outras ideias, a expressão “videira verdadeira” sugere a existência de falsas vides. De fato, o demônio não seria ele – e igual juízo se aplica ao homem no que se refere às suas más inclinações – se deixasse de inventar caminhos à margem da verdade, destoantes em pontos substanciais da autêntica Religião. Basta folhear o Evangelho para constatar quantas vinhas falsificadas Nosso Senhor teve diante de Si, na pessoa dos fariseus, saduceus e escribas que, desprovidos da vitalidade da graça, restringiam o relacionamento com Deus à prática de algumas normas e regras de conduta. A esse propósito, lembremos a sentença do Redentor quando, em certa ocasião, os discípulos Lhe comunicaram que os fariseus haviam se escandalizado com Ele: “Toda planta que meu Pai Celeste não plantou será arrancada pela raiz” (Mt 15, 13).

A esterilidade sobrenatural

^{2a} “Todo ramo que em Mim não dá fruto Ele o corta...”

É curioso reparar que, antes de falar dos frutos, Jesus faz menção ao corte.

Se o cultivador nota, preso à videira, um ramo verdejante mas sempre estéril, ao lado de outros carregados de frutos, logo conclui não se tratar de uma carência de energia vital, e sim de um mau aproveitamento dela. Torna-se, então, indispensável eliminá-lo, a fim de evitar o desperdício da seiva, que poderá ser melhor utilizada pelos demais sarmentos.

Em situação análoga se encontra a alma regenerada pelo Batismo: está inserida em Nosso Senhor e, por isso, dispõe da graça em abundância; se, porém, fecha-se em si mesma, passando a servir-se dos dons recebidos para subsistir no egoísmo, sem se preocupar com o bem do próximo nem com a expansão do Reino de Cristo na terra, será cortada mais dia, menos dia.

No que consiste essa ação justiceira do Pai? As graças, outrora caudalosas, diminuem de intensidade. E, embora Ele nunca deixe de prover a alma das graças necessárias à sua salvação, tal é a miséria humana que este auxílio se torna insuficiente para perseverar na virtude e alcançar a santidade.

O Pai “limpa” aqueles que correspondem à graça

^{2b} “...e todo ramo que dá fruto, Ele o limpa, para que dê mais fruto ainda”.

Uma etapa importante no cultivo da vinha é a limpeza dos ramos produtivos, a qual exige esforço, atenção e acuidade do agricultor. Nos períodos adequados, torna-se necessário suprimir, por meio de instrumento apropriado, o excesso de brotos e outras saliências inúteis ou prejudiciais ao vegetal, como os pequenos filamentos em espiral, denominados gavinhas, que se aboleam nos sarmentos.

Semelhante é o proceder do Pai com os espíritos generosos, que procuram corresponder à graça e estreitar sua união com Cristo. Para purificá-los de seu amor-próprio, caprichos e outros defeitos, o Senhor promove situações de luta, sacudindo-os com o sofrimento. Tentações, dramas ou doenças, se enfrentados com amor, dispõem a alma para receber mais graças e, assim, gerar frutos excelentes.



Da esquerda à direita: Jó - Igreja Sainte-Segolène, Metz (França); Santa Joana d'Arc sendo julgada - Igreja Notre-Dame la Grande, Poitiers (França) e São Luís Rei nas Cruzadas - Igreja de São Saturnino, Baurech (França)

Num sentido mais amplo, encaixam-se nessa divina diplomacia as perseguições que ao longo da História se levantam contra os bons, pondo-os em choque com o mal e incitando-os a defender a verdade. Deus as permite para apurar a fé de seus eleitos e, após cada embate, faz surgir maravilhas maiores na Santa Igreja.

Purificados pela palavra de Jesus

³ “Vós já estais limpos por causa da palavra que Eu vos falei”.

A fim de tranquilizar os discípulos, talvez assustados pela ideia de serem “podados”, Nosso Senhor revela a força purificadora de sua Palavra quando recebida com Fé e entusiasmo. Quer por meio de advertências diretas, quer apenas por sutis insinuações, Ele lhes removera da alma inúmeros escolhos durante aqueles três anos de formação. Agora eles já se encontravam limpos e rendendo frutos, pois haviam aderido à Boa-Nova e demonstrado isso com as obras; compenetrados de que não eram mais pescadores de peixes, mas sim de homens, abandonaram o plano meramente terreno no qual viviam e lançaram-se ao apostolado.

Convém ressaltar que a Palavra do Divino Mestre os limpava não somente por admoestações, mas também esclarecendo-lhes a inteligência com a transmissão de princípios, pelos quais passaram a conhecer melhor a Deus e a contemplar aspectos ainda ignorados da Fé.

Uma profunda realidade sobrenatural

^{4a} “Permaneçei em Mim e Eu permanecerei em vós”.

Como é comum aos vegetais, a videira nunca deixa de extrair do solo os nutrientes necessários para dispensar seiva a cada um dos ramos.

Ora, Nosso Senhor Jesus Cristo, Verbo de Deus Encarnado, possui em Si a infinitude do bem, da verdade e da beleza; portanto, da parte d'Ele jamais faltarão graças para nos sustentar e santificar. Por outro lado, Ele sempre está disposto a permanecer em nós, estabelecendo como única condição que desejemos permanecer n'Ele.

Cabe notar que o verbo *permanecer* se repete oito vezes no Evangelho de hoje, tal é o empenho de Nosso Senhor em demonstrar a importância de nossa união com Ele. Mais do que em um desponsório místico, essa profunda realidade espiritual consiste quase numa fusão, semelhante ao ferro que se confunde com o fogo na forja. Poderíamos dizer que se trata de uma inserção nossa no Sagrado Coração de Jesus e, ao mesmo tempo, de uma inserção de Jesus no nosso próprio coração.

Ninguém pode obter méritos por si mesmo

^{4b} “Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós não podereis dar fruto, se não permanecerdes em Mim”.

O Senhor promove situações de luta, sacudindo com o sofrimento aqueles que procuram corresponder à graça e estreitar sua união com Cristo

O fruto é produzido pela videira e não pelo sarmento, sendo este apenas um canal de transmissão da seiva

A expressão “dar fruto”, neste versículo, não diz respeito a obras concretas de piedade ou de apostolado, mas possui outra amplitude.

Mesmo quando depositado na terra ou num copo d’água, o ramo destacado já não se beneficia do sustento vital proporcionado pela videira. Incapaz de frutificar, logo murcha e seca.

Tal é a situação de quem se divorcia de Nosso Senhor, fenômeno infelizmente não muito raro na História: por mais que faça sacrifícios e reze, não pode obter mérito algum, pois este consiste na transferência dos méritos de Jesus Cristo a nós, ramos seus. Se falta comunicação com a Fonte das graças, torna-se impossível “dar fruto” no campo sobrenatural.

Lembremos o comentário de São Luís Maria Grignon de Montfort¹ sobre a Santíssima Virgem, a qual dava mais glória a Deus com a menor de suas ações do que São Lourenço no momento de seu martírio. Ninguém permaneceu em Jesus como Nossa Senhora e, por isso, qualquer gesto d’Ela superava em méritos os maiores heroísmos dos Santos.

A verdadeira produtividade

⁵ “Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em Mim, e Eu nele, esse produz muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer”.

Ao vermos uma parreira carregada de uvas, costumamos deter a atenção nos ramos dos quais pendem os cachos, como se fossem eles a causa do sucesso da produção. Não obstante, o fruto é produzido pela videira e não pelo sarmento, sendo este apenas um canal de transmissão da seiva.

Caímos em equívoco semelhante quando atribuímos o bom êxito de uma obra de apostolado aos meros esforços de seus executores, esquecendo-nos de que, se há “muito fruto”, isto se deve em primeiro lugar Àquele que é a Humildade e quer nos cumular de glória através de seus próprios dons.

Após reafirmar de modo incisivo a sua permanência em nós enquanto corolário da nossa permanência n’Ele, o Divino Mestre explicita numa frase lapidar o princípio da verdadeira produtividade: “Sem Mim, nada podeis fazer”. Ele não diz “pouco podeis fazer”, ou “jamais fareis muito”, mas emprega um termo absoluto, “nada podeis fazer”. De fato, fora do estado de graça a alma é incapaz de traçar um simples sinal da cruz com mérito.

O castigo e o prêmio em função da permanência em Jesus

⁶ “Quem não permanecer em Mim, será lançado fora como um ramo e secará. Tais ramos são recolhidos, lançados no fogo e queimados”.

Ao longo de todo o Evangelho de hoje, Nosso Senhor Se refere às almas que já O conhecem e amam, às quais pede um passo a mais na entrega e fidelidade: “Permanecei em Mim”. Nesse contexto, impressiona a clara alusão à condenação eterna contida no versículo acima. Tal é o destino daqueles que experimentaram as delícias da graça, mas em certo momento as rejeitaram, preferindo abraçar o pecado. Se não houver arrependimento e emenda, após a morte serão lançados fora, no “fogo inextinguível” (Mc 9, 43).

Bem diferente é a promessa feita aos perseverantes, uma das mais categóricas afirmações da Sagrada Escritura:

⁷ “Se permanecerdes em Mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e vos será dado”.

Quando permanecemos em Jesus e suas palavras permanecem em nós, pela prática dos Mandamentos, nossa vontade se encontra em inteira consonância com a d’Ele. Por esse motivo, o Redentor não põe limites às nossas súplicas, mas diz: “Pedi o que quiserdes”. Ou seja, tudo quanto almejarmos na linha da santidade e da perfeição sempre estará em conformidade com os desejos d’Ele e, por isso, ser-nos-á concedido. Quantas vezes durante a vida comprovamos o cumprimento dessa divina promessa!

Ora, se Nosso Senhor confere à nossa súplica esse caráter de onipotência, não há razão para acanhamento em nossas intenções. Para a glória d’Ele, precisamos ter grandes anseios! E a quem julgasse pretensiosa ou petulante nossa atitude, poderíamos responder com Santa Teresinha do Menino Jesus: “Considero-me apenas um frágil passarinho coberto somente de leve penugem, não sou uma águia, dela só tenho os olhos e o coração pois, apesar de minha extrema pequenez, ousou fixar o Sol Divino, o Sol do Amor, e meu coração sente em si todas as aspirações da águia”.² Quem quer muito, obtém muito; quem quer pouco, obtém pouco!



Glória de Maria Santíssima com Nosso Senhor Jesus Cristo
Cappella della Madonna no Mosteiro Beneditino de Subiaco (Itália)

O objetivo de Jesus é a glória do Pai

§ “Nisto meu Pai é glorificado: que deis muito fruto e vos torneis meus discípulos”.

Eis o principal objetivo de Nosso Senhor ao nos compenetrar da necessidade de permanecermos n’Ele: a glória do Pai. Compreendendo nossa condição de ramo da Videira, da qual nascemos e em absoluto dependemos, será mais fácil nos tornarmos discípulos. Isto implica não só aprender com o Divino Mestre, mas observar a fundo quem Ele é e como age, amar o que Ele ama e trilhar com Ele os mesmos caminhos, deixando-nos limpar e conformar pelo Pai.

A Liturgia de hoje nos oferece um exemplo desse discipulado perfeito na figura de São Paulo, contemplada na primeira leitura (cf. At 9, 26-31). De perseguidor dos cristãos e colaborador na morte de tantos deles, entre os quais Santo Estêvão, Saulo passou ao entusiasmo fervoroso por Nosso Senhor, após uma espetacular graça de conversão. Ele produziu muito fruto porque permaneceu em Jesus, como atestam suas palavras: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20).

III – DEUS AMA AS MEDIAÇÕES!

Deus ama o princípio das mediações, pelo qual criou o universo desigual e hierárquico. E o ama a tal ponto que, com a Encarnação, o Filho tornou-Se o Mediador entre nós e o Pai, assim como Maria Santíssima foi constituída nossa Medianeira junto a Cristo.

Ora, nunca a humanidade necessitou tanto dessa mediação quanto nos dias atuais. Quando o Apóstolo se queixou com Nosso Senhor do agulhão de que desejava se ver livre, Ele lhe respondeu: “Basta-te minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a minha força” (II Cor 12, 9). Bem podemos afirmar que a manifestação dessa força estava à espera do momento em que a miséria humana chegasse ao extremo no qual hoje se encontra.

Para os homens saírem desse estado e constituírem a era de maior santidade da História, faz-se indispensável uma forte mediação. É este o papel de Nossa Senhora enquanto conduto eleito por Deus para conduzir a seiva da graça a todos nós, ramos da videira e filhos seus. Se comparássemos as maravilhas do passado da Igreja às que resultarão da intercessão marial, constataríamos que, quando muito, houve belas flores, mas os frutos só despontarão agora.

Neste 5º Domingo da Páscoa, peçamos a graça de jamais deixarmos de nos beneficiar da seiva divina e de alcançarmos a total permanência em Jesus, para que também Ele permaneça em nós, por meio de Maria. ✧

Deus ama o princípio das mediações, a tal ponto que, o Filho tornou-Se o Mediador entre nós e o Pai, assim como Maria Santíssima foi constituída nossa Medianeira junto a Cristo

¹ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, n.222. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Du Seuil, 1966, p.638.

² SANTA TERESA DE LISIEUX. *Les manuscrits autobiographiques*. Manuscrit B. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Du Cerf; Desclée de Brouwer, 2009, p.216.



Sergio Hollmann

A Mãe Corredentora

A doutrina sobre Maria Corredentora consta de modo expresso e formal no Magistério da Igreja, através dos Romanos Pontífices e do Concílio Vaticano II. Essa é a conclusão a que chega, após apurada análise, um dos mais destacados teólogos do século XX.



Pe. Antonio Royo Marín, OP

No presente capítulo, vamos examinar uma das mais importantes questões da Teologia mariana, e uma das mais profundamente investigadas nestes últimos tempos: a cooperação de Maria na obra da Redenção, realizada por Cristo no Calvário. Por essa cooperação, Ela conquistou o gloriosíssimo título de *Corredentora da humanidade*.

Creemos que Maria foi real e efetivamente Corredentora da humanidade por duas razões fundamentais:

a) Por ser a Mãe de Cristo Redentor, o que acarreta, como vimos anteriormente, a maternidade espiritual sobre todos os redimidos.

b) Por sua dolorosíssima compaixão ao pé da Cruz, intimamente associada, por livre disposição de Deus, ao tremendo sacrifício de Cristo Redentor.

Estes dois aspectos são necessários e essenciais, mas o que constitui a base e fundamento da Correden-

ção mariana é, a nosso ver, sua maternidade divina sobre Cristo e sua maternidade espiritual sobre nós. Por isto quisemos com plena e deliberada intenção dar a este capítulo o título de Mãe Corredentora, em vez de Corredenção mariana, como fazem outros autores. Estamos plenamente de acordo com estas palavras do eminente mariólogo Pe. Llamera: “A Corredenção é uma função maternal, ou seja, é adequada a Maria que a exerce em sua condição

de Mãe. Ela é Corredentora por ser mãe. É Mãe Corredentora”.¹ [...]

Não houve até agora uma definição dogmática da Corredenção por parte do Magistério extraordinário da Igreja; houve, isto sim, declarações expressas do Magistério ordinário, tanto de Sumos Pontífices como de Bispos e da Liturgia oficial da Igreja. Aqui nos limitamos ao testemunho dos Pontífices mais recentes, por seu especial interesse e atualidade.

Unida a Cristo no triunfo sobre a serpente

Pio IX: “Ao glosar as palavras com as quais Deus, anunciando no início do mundo os remédios preparados em sua misericórdia para regenerar os mortais, confundiu a audácia da serpente sedutora e levantou maravilhosamente a esperança de nossa linhagem, dizendo: ‘porei inimizades entre ti e a Mulher, entre tua descendência e a dela’ (Gn 3, 15), os Padres da Igreja e outros doutores ensinaram que, por este divino oráculo, foi cla-

*Creemos que
Maria foi real
e efetivamente
Corredentora da
humanidade por
duas razões
fundamentais...*

ra e patentemente anunciado o misericordioso Redentor do gênero humano, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, e foi do mesmo modo designada sua santíssima Mãe, a Virgem Maria, bem como brilhantemente posta em relevo a *mesmíssima inimizade de ambos contra o demônio*. Por esse motivo, assim como Cristo, mediador entre Deus e os homens, assumiu a natureza humana, anulou o decreto contra nós exarado e o cravou triunfante na Cruz, assim a Santíssima Virgem – unida a Ele por estreito e indissolúvel vínculo, exercendo com Ele e por Ele suas eternas inimizades – triunfou plenissimamente da venenosa serpente, cuja cabeça esmagou com seu pé immaculado”.²

A custo se conseguirá exprimir com maior precisão e clareza a doutrina da Corredenção mariana em Jesus Cristo com Ele e por Ele. Observa com razão Roschini: “Triunfar com Cristo, esmagando a cabeça da serpente, não é outra coisa que ser Corredentora com Cristo”.³

Associada à obra de salvação do gênero humano

Leão XIII: “A Virgem, isenta da mancha original, escolhida para ser Mãe de Deus e por isso associada à obra da salvação do gênero humano, goza junto a seu Filho de tamanho favor e poder que nunca puderam nem poderão obter igual nem os homens nem os Anjos”.⁴

“De pé junto à Cruz de Jesus, estava Maria, sua Mãe, penetrada do imenso amor a nós que A fazia ser nossa Mãe, oferecendo Ela mesma seu Filho à justiça de Deus e, por sua morte, agonizando em sua alma atravessada por uma espada de dor”.⁵

“Logo que, por inescrutável plano da Divina Providência, fomos elevados à suprema Cátedra de Pedro [...] volveu-se espontaneamente nosso pensamento para a grande Mãe de Deus e sua associada na Redenção do gênero humano”.⁶

“Recordamos outros méritos singulares pelos quais Ela participou da Redenção humana com seu Filho Jesus”.⁷

“Aquele que fora cooperadora no sacramento da Redenção do homem, seria cooperadora também na dispensação das graças dele derivadas”.⁸

Note-se neste texto a distinção entre a Redenção e sua aplicação atual. Segundo ele, Maria não é só Corredentora, mas também dispensadora de todas as graças provenientes de Cristo, como veremos no próximo capítulo.

Redentora com Cristo e dispensadora de seus tesouros

São Pio X: “A consequência desta comunidade de sentimentos e sofrimentos entre Maria e Jesus é que Maria mereceu ser digníssima reparadora do orbe perdido e, portanto, a dispensadora de todos os tesouros que Jesus nos conquistou com sua Morte e com seu Sangue”.⁹

Bento XV: “É ensinamento comum dos doutores da Igreja que a Santíssima Virgem Maria, aparentemente ausente da vida pública de Jesus Cristo, esteve, entretanto, a seu lado quando caminhou para a morte e foi cravado na Cruz, e ali esteve por divina disposição. Com efeito, em comunhão com seu Filho padecente e agonizante, suportou a dor e quase a morte; abdicou dos seus direitos de mãe sobre seu Filho, para conseguir a salvação dos homens; e, tanto quanto d’Ela dependia, imolou seu Filho para aplacar a justiça divina, de modo que se pode com razão afir-

mar que com Cristo Ela redimiu o gênero humano. Por isto, todas as graças que haurimos do tesouro da Redenção nos vêm, por assim dizer, das mãos da Virgem Dolorosa”.¹⁰

Como o leitor pode ver, o Papa afirma neste magnífico texto os dois grandes aspectos da mediação universal de Maria: o aquisitivo (Corre-

A Corredenção é uma função maternal, ou seja, é adequada a Maria, que a exerce em sua condição de Mãe



François Bouley

Encontro de Nossa Senhora com Jesus a caminho do Calvário - Igreja de Nossa Senhora do Bom Socorro, Montreal (Canadá); na página anterior, Santíssimo Cristo Jacente da Paz e Unidade e Nossa Senhora da Fé e Consolo - Capela do Calvário, Málaga (Espanha)

O Magistério dos Papas pré-conciliares



Pio IX – Assim como Cristo anulou o decreto exarado contra nós e o cravou na Cruz, assim a Santíssima Virgem triunfou da venenosa serpente, cuja cabeça esmagou com seu pé immaculado.



Leão XIII – Logo que fomos elevados à suprema Cátedra de Pedro voltou-se espontaneamente nosso pensamento para a grande Mãe de Deus e sua associada na Redenção do gênero humano.



Pio X – A consequência desta comunidade de sentimentos e sofrimentos entre Maria e Jesus é que Maria mereceu ser digníssima reparadora do orbe perdido e, portanto, a dispensadora de todos os tesouros que Jesus nos conquistou.



Bento XV – Em comunhão com seu Filho padecente e agonizante, suportou a dor e quase a morte, de modo que se pode com razão afirmar que com Cristo Ela redimiu o gênero humano.



Pio XI – A benigníssima Virgem Mãe de Deus, que nos deu Jesus Redentor e O ofereceu como Hóstia junto à Cruz, foi também e é piedosamente denominada Reparadora por sua misteriosa união com Cristo.



Pio XII – Na realização da Redenção humana, quis Deus que Maria estivesse inseparavelmente unida a Cristo. Nossa salvação é fruto da caridade d'Ele e de seus padecimentos, associados intimamente ao amor e às dores de sua Mãe.

denção) e o distributivo (distribuição universal de todas as graças).

O papel da Virgem Dolorosa junto a seu Divino Filho

Pio XI: “A Virgem Dolorosa participou da obra da Redenção com Jesus Cristo e, constituída Mãe dos homens, que Lhe foram encomendados pelo testamento da divina caridade, abraçou-os como filhos e os defende com todo o seu amor”.¹¹

“A benigníssima Virgem Mãe de Deus [...], que nos deu Jesus Redentor, que O alimentou e O ofereceu como Hóstia junto à Cruz, foi também e é piedosamente denominada *Reparadora* por sua misteriosa união com Cristo e por sua graça absolutamente singular”.¹²

No encerramento do Jubileu da Redenção, Pio XI recitou esta comovedora prece:

“Ó Mãe de piedade e de misericórdia, que acompanháveis vosso amável Filho enquanto Ele operava no altar da Cruz a Redenção do gênero humano, como *Corredentora nossa associada às suas dores* [...], nós Vos rogamos: conservai e aumentai em nós todos os dias os preciosos frutos da Redenção e de vossa compaixão”.¹³

Pio XII: “Na realização da Redenção humana, quis Deus que a Santíssima Virgem Maria estivesse inseparavelmente unida a Cristo; deste modo, nossa salvação é fruto da caridade de Jesus Cristo e de seus padecimentos associados intimamente ao amor e às dores de sua Mãe; assim, é de todo razoável que o povo cristão, que recebeu de Jesus a vida divina por meio de Maria, depois de tributar as devidas homenagens ao Sacratíssimo Coração de Jesus, tribute também ao



Nossa Senhora de pé, junto à Cruz - Universidade Nossa Senhora do Lago, San Antonio (EUA)

De pé junto à Cruz, estava sua Mãe, penetrada de imenso amor a nós, oferecendo Ela mesma seu Filho à justiça de Deus

amantíssimo Coração da Mãe Celestial os adequados sentimentos de piedade, amor, ação de graças e reparação”.¹⁴

Como o leitor pode ver, é impossível falar de modo mais claro e categórico.

Causa de salvação para Si e para todo o gênero humano

Concílio Vaticano II: Tendo embora, por sua constante preocupação ecumênica, evitado a palavra Corredentora – para não ferir os ouvidos dos irmãos separados – o Con-

cílio Vaticano II expôs de modo claro e inequívoco a doutrina da Corredenção tal como a entende a Igreja Católica. Eis alguns textos da Constituição dogmática *Lumen gentium* especialmente significativos: [...]

“Ao aceitar a mensagem divina, Maria, filha de Adão, tornou-Se Mãe de Jesus e, abraçando de todo coração e sem qualquer torpor de pecado a vontade salvífica de Deus, consagrou-Se totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra de seu Filho, servindo com diligência ao mistério da Redenção com Ele e subordinada a Ele, pela graça de Deus onipotente. Com razão, pois,

julgam os Santos Padres que Maria não foi mero instrumento passivo nas mãos de Deus, mas *cooperou com livre Fé e obediência para a salvação dos homens*. Como disse Santo Irineu, ‘obedecendo, tornou-Se causa de salvação para Si mesma e para todo o gênero humano’”.¹⁵ [...]

“Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no Templo, padecendo com Ele quando morria na Cruz, *cooperou de modo inteiramente singular*, com a sua Fé, esperança e ardente caridade, *na obra do Salvador para restaurar nas almas a vida sobrenatural*. Por isso é nossa Mãe na ordem da graça”.¹⁶

Como o leitor pode ver, o Concílio expõe com toda clareza a doutrina da Corredenção de Maria. [...] A doutrina sobre Maria Corredentora consta, pois, de modo expresso e formal no Magistério da Igreja, através dos Romanos Pontífices e do Concílio Vaticano II. ✧

Extraído de: *La Virgen María. Teología y espiritualidad marianas*. 2.ed. Madrid: BAC, 1997, p.140-149

O que diz o Magistério pós-conciliar?

O Concílio Vaticano II expôs com toda clareza a doutrina da Corredenção de Maria. E o mesmo fizeram os principais Papas que o seguiram.

Paulo VI: “A reforma pós-conciliar [...] considerou a Virgem Maria com uma perspectiva adequada no mistério de Cristo; e, em sintonia com a Tradição, reconheceu-Lhe o lugar singular que Lhe compete no culto cristão, qual Santa Mãe de Deus e enquanto *alma cooperadora do Redentor*”.¹⁷

“Esta *união da Mãe com o Filho na obra da Redenção* alcança o ponto culminante no Calvário, [...] onde Maria esteve de pé, junto à Cruz (cf. Jo 19, 25), ‘sofrendo profundamente com o seu Unigênito e associando-Se com ânimo maternal ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que Ela havia gerado’, e oferecendo-a também Ela ao Eterno Pai”.¹⁸

“Depois de ter *participado no sacrifício redentor do Filho*, e de maneira tão íntima que Lhe fez merecer ser por Ele proclamada Mãe não só do discípulo João, mas – seja consentido afirmá-lo – do gênero humano, por aquele de algum modo representado,

Ela continua agora no Céu a cumprir a missão que teve na terra de cooperadora no nascimento e desenvolvimento da vida divina em cada alma dos homens remidos”.¹⁹

João Paulo II: “Maria, enquanto concebida e nascida sem a mancha

do pecado, participou de forma admirável nos sofrimentos do seu Divino Filho, a fim de ser *Corredentora da humanidade*”.²⁰

“No decurso dos séculos a Igreja refletiu sobre a cooperação de Maria na obra da salvação, aprofundando a



Missa Papal no Altar da Cátedra, na Basílica de São Pedro, antes de uma das sessões do Concílio Vaticano II

Lothar Wolleh

¹ LLAMERA, OP, Marceliano. María, Madre corredentora o la maternidade divino-espiritual de María y la Corredención. In: *Estudios Marianos*. Madrid. N.7 (1948); p.146.

² BEATO PIO IX. *Ineffabilis Deus*.

³ ROSCHINI, OSM, Gabriel Maria. *La Madre de Dios según la Fe y la Teología*. Madrid: Apostolado de la Prensa, 1955, v.I, p.477.

⁴ LEÃO XIII. *Supremi apostolatus officio*, n.3.

⁵ LEÃO XIII. *Iucunda semper*, n.6.

⁶ LEÃO XIII. *Ubi primum*.

⁷ LEÃO XIII. *Parta humano generi*.

⁸ LEÃO XIII. *Adiutricem populi*, n.4.

⁹ SÃO PIO X. *Ad diem illum*.

¹⁰ BENTO XV. *Inter sodalicia*: AAS 10 (1918), 182.

¹¹ PIO XI. *Explorata res est*: AAS 15 (1923), 104-105.



Paulo VI - A reforma pós-conciliar considerou a Virgem Maria com uma perspectiva adequada no mistério de Cristo; reconheceu-Lhe o lugar singular que Lhe compete no culto cristão, enquanto alma cooperadora do Redentor.



João Paulo II – Enquanto concebida e nascida sem a mancha do pecado, Maria, participou de forma admirável nos sofrimentos do seu Divino Filho, a fim de ser Corredentora da humanidade.



Bento XVI – Acompanha-nos neste itinerário a Virgem Santa, que seguiu em silêncio o Filho Jesus até o Calvário, participando com grande dor no seu sacrifício, cooperando assim no mistério da Redenção.

análise da sua *associação ao sacrifício redentor de Cristo*. Já Santo Agostinho atribui à Virgem a qualificação de *'cooperadora' da Redenção*. [...] Aplicado a Maria, o termo *'cooperadora'* assume, porém, um significado específico. A colaboração dos cristãos na salvação atua-se depois do evento do Calvário, cujos frutos eles se empenham em difundir mediante a oração e o sacrifício. O concurso de Maria, ao contrário, atuou-se durante o evento mesmo e a título de Mãe; estende-se, portanto, à totalidade da obra salvífica de Cristo. *Somente Ela esteve associada deste modo à oferta redentora, que mereceu a salvação de todos os homens*. Em união com Cris-

to e submetida a Ele, colaborou para obter a graça da salvação à humanidade inteira”.²¹

“Maria tornou-Se não só a *'mãe-nutriz'* do Filho do Homem, mas também a *'cooperadora generosa, de modo absolutamente singular, do Messias e Redentor*. Ela avançava na peregrinação da Fé e, nessa sua peregrinação até aos pés da Cruz, foi-se realizando, ao mesmo tempo, com as suas ações e os seus sofrimentos, a sua cooperação materna e esponsal em toda a missão do Salvador. [...] *A cooperação de Maria participa, com o seu carácter subordinado, na universalidade da mediação do Redentor, único Mediador*”.²²

Bento XVI: “Cheia de graça’ és Tu, Maria, repleta do amor divino desde o primeiro momento da tua existência, providencialmente predestinada para ser a *Mãe do Redentor, e intimamente associada a Ele no mistério da salvação*. [...] ‘Cheia de graça’ és Tu, Maria, que aceitando com o teu ‘sim’ os projetos do Criador, nos abristes o caminho da salvação”.²³

“Acompanha-nos neste itinerário a Virgem Santa, que seguiu em silêncio o Filho Jesus até o Calvário, *participando com grande dor no seu sacrifício, cooperando assim no mistério da Redenção* e tornando-se Mãe de todos os crentes (cf. Jo 19, 25-27)”.²⁴ ✧

¹² PIO XI. *Miserentissimus Redemptor*, n.15.

¹³ PIO XI. *Radiomensagem*, 28/4/1935.

¹⁴ PIO XII. *Haurietis aquas*, n.74.

¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.56.

¹⁶ Idem, n.61.

¹⁷ SÃO PAULO VI. *Marialis cultus*, n.15.

¹⁸ Idem, n.20.

¹⁹ SÃO PAULO VI. *Signum magnum*, n.1.

²⁰ SÃO JOÃO PAULO II. *Audiência geral*, 8/9/1982.

²¹ SÃO JOÃO PAULO II. *Audiência geral*, 9/4/1997.

²² SÃO JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater*, n.39-40.

²³ BENTO XVI. *Discurso na Solenidade da Imaculada Conceição*, 8/12/2006.

²⁴ BENTO XVI. *Audiência geral*, 8/4/2009.

“Sua unção vos ensina a respeito de tudo”

Em nossos dias, não raras vezes nos deparamos com situações difíceis, em que nos é exigida uma decisão rápida, e nos falta o auxílio de um próximo. Como agir nessas ocasiões?



João Luís Ribeiro Matos

A medida que tomamos contato com as narrações dos Santos Evangelhos, nos deparamos com circunstâncias em que as infinitas virtudes de Nosso Senhor se manifestam formando um conjunto inigualável de perfeições. Em um trecho, transparece sua bondade sem fim, disposta a tudo perdoar e a acolher até os mais miseráveis; em outro, sua justiça intransigente, que O leva a expulsar do Templo vendilhões e cambistas; num terceiro, seu profundo espírito de recolhimento, o qual se revela nas prolongadas horas de união íntima com o Pai.

Ora, há uma virtude sem a qual a panóplia de perfeições que vemos no Homem-Deus ficaria manca e incompleta. Ele a demonstrou sobretudo nas discussões contra os fariseus e mestres da Lei, quando, diante de maldosas armadilhas, sabia dar a resposta certa e deixar os adversários em vergonhosa situação. Essa virtude é a sagacidade.

Desdobramento da virtude da prudência

Para entendermos a sagacidade, antes precisamos conhecer a virtude

da qual ela é um desdobramento: a prudência.

Esta virtude cardinal não deve ser compreendida no sentido que, em geral, lhe aplicamos no dia a dia. Prudente não é simplesmente aquele que nunca se arrisca e sabe evitar o perigo ou as inconveniências. A verdadeira prudência possui um significado mais amplo.

Quando temos um objetivo, podemos escolher diversos caminhos para alcançá-lo, uns mais adequados e outros menos. Pois bem, é a prudência que nos leva a eleger o melhor, por ser próprio a quem pratica essa virtude “ter um juízo reto do que se deve fazer”.¹

O sagaz também deve ser dócil, não confiando em sua própria prudência (cf. Pr 3, 5), mas no auxílio de Deus

Obviamente, ninguém nasce sabendo como lidar com *todas* as situações possíveis e imagináveis; é preciso adquirir esse conhecimento ao longo da vida. E isso se consegue, segundo São Tomás de Aquino,² por meio da docilidade e da sagacidade.

Possui docilidade aquele que sabe procurar outro a fim de receber ensinamentos que aperfeiçoem seu próprio juízo. Um homem não pode descobrir por si todas as coisas e daí surge a necessidade de ser instruído.³

A sagacidade, por sua vez, é a qualidade de alma de quem, estando diante de uma situação nova, com frequência complexa e delicada, descobre por si mesmo o que deve fazer. Aristóteles dizia ser ela “a conjectura fácil e rápida a respeito dos meios”.⁴

Estas duas virtudes se completam, pois o sagaz também deve ser dócil, não confiando em sua própria prudência (cf. Pr 3, 5), mas no auxílio de Deus que há de lhe socorrer até nas ocasiões mais inesperadas, muitas vezes através da admoestação de um pai, amigo ou mestre. Da mesma forma, o dócil também precisa ser sagaz para saber discernir os bons conselhos e os maus...⁵

Praticada em situações que exigem decisões rápidas

Compreenderemos mais adequadamente o que é a sagacidade e sua relação com a prudência se tomarmos como exemplo a vida de São Paulo.

Não há a menor dúvida de que este Santo tenha sido um modelo luminar de prudência, que se desdobrava, em certas ocasiões, em mostras de sagacidade incomparável. Foi o que ocorreu quando o levaram preso diante do Sinédrio, reunido para o julgar e condenar.

Em questão de instantes, percebeu estarem ali saduceus e fariseus, que não se entendiam no tocante à ressurreição dos mortos. Para atingir o seu fim – livrar-se do cárcere e da morte –, o Apóstolo levantou o assunto polêmico:

“Irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus. Estou sendo julgado por ter esperança na ressurreição” (At 23, 6). A afirmação logo gerou uma discussão tão acalorada que retiraram São Paulo do meio deles, esquecendo-se de que estavam ali para julgá-lo.

Assim, poderíamos dizer de uma maneira bastante informal, mas talvez didática, que a sagacidade é a prudência praticada em alta velocidade.

Partindo desses pressupostos, parece perfeitamente legítimo aplicar a esta virtude uma divisão que São Tomás⁶ utiliza para a prudência, desde que tenhamos em mente o seguinte matiz: a sagacidade é praticada em situações que exigem decisões rápidas, e sem o ensinamento de outros.

Astúcia, uma falsa sagacidade

Entre os diversos ensinamentos de Nosso Senhor narrados pelo Evangelista São Lucas, encontramos o seguinte: “Os filhos deste mundo são mais espertos em seus negócios que os filhos da luz” (Lc 16, 8).

Ao comentar essa frase, São Tomás levanta um problema curioso: Nosso Senhor elogia a esperteza dos filhos das trevas! Ora, se a sagacidade é uma virtude, então só a possuem os filhos da luz... Como pode o próprio Deus reconhecê-la nos que são deste mundo?⁷

A solução desta questão está no fato de que a sagacidade, enquanto fazendo parte da virtude da prudência, comporta três sentidos ou níveis.



Cena da vida de São Paulo - Basilica de São Paulo, Toronto (Canadá)

São Paulo foi um modelo luminar de prudência, que se desdobrava, em mostras de sagacidade incomparável

O primeiro deles, falso, encontra-se naqueles que vivem no pecado e consiste em dispor acertadamente sobre o que se deve fazer, mas tendo como fim algo ruim. Assim acontece quando se diz que um ladrão é sagaz. Essa atitude não provém da sagacidade, mas sim do vício da astúcia.

Apesar de se aplicar muitas vezes a palavra astúcia para o bem, isso ocorre *por analogia*, da mesma forma que também se pode falar de prudência ou sagacidade para o mal.⁸ Em sentido próprio, a astúcia sempre é entendida depreciativamente.

A esperteza dos filhos deste mundo encontra-se nessa primeira categoria. Por isso Nosso Senhor especifica: “em seus negócios”. Ou seja, se alguém é desonesto, suas ações terão fins desonestos.

Esperteza quanto aos bens passageiros

No segundo patamar enunciado pelo Doutor Angélico, encontramos a sagacidade que, apesar de verdadeira, é imperfeita. Consiste na esperteza em relação aos bens passageiros, e não àqueles que se referem à vida eterna. Estão nessa categoria, por exemplo, os comerciantes, gerais e todos os que usam de sua prudência para obter êxito em seus empreendimentos terrenos.

A narração bíblica da primeira infância de Moisés (cf. Ex 1, 15–2, 9) nos revela ser esta uma característica de alma – muito viva, aliás – do povo eleito.

Por ordem do faraó, todos os meninos hebreus deveriam ser lançados ao Nilo logo que nascessem. A mãe de Moisés, como tantas outras, queria

fugir dessa obrigação iníqua. Assim, em vez de entregar seu filho à morte, colocou-o cuidadosamente em um cesto entre os juncos da margem do rio, próximo ao lugar onde a filha do faraó ia com frequência, e deixou Maria, a irmã do bebê, observando à distância.

Ora, aconteceu que a princesa ouviu o recém-nascido chorar e, procurando ao redor, encontrou o cesto. Maria aproximou-se e, sem revelar seu parentesco com o menino, disse conhecer uma senhora que poderia amamentá-lo. Levou, então, a própria progenitora até à filha do faraó, que a encarregou de cuidar da criança. Graças à sagacidade de Maria, sua mãe teve Moisés novamente nos braços, e ainda recebeu um ordenado por isso!

A perfeição da sagacidade

Resta-nos ainda considerar o último e mais perfeito grau desta virtude. Atinge-o aquele que delibera retamente, julga e age em vista do fim último da vida; portanto, quem usa de sua prudência para alcançar méritos e estar sempre progredindo no caminho da santidade, pois a finalidade do homem não é outra senão “amar, reverenciar e louvar a

Deus, e mediante isso, salvar a sua alma”.⁹

Afirma Jó: “A vida do homem sobre a terra é uma luta” (7, 1). E “para ganhar uma batalha, não basta ao guerreiro apenas ser forte, mas é preciso que ele também possua sagacidade, para ora enfrentar o inimigo de frente, ora driblá-lo com destreza”.¹⁰ Isso que se aplica ao combate físico, diz respeito, com mais propriedade ainda, à conquista do Reino dos Céus, pois “não há ninguém mais astuto que o demônio”¹¹ e é contra ele que lutamos.

A sagacidade faz-se necessária tanto no que tange à salvação individual do homem quanto à execução dos planos de Deus no desenrolar da

Há uma falsa sagacidade, tendo como fim algo ruim; há outra imperfeita, que consiste na esperteza em relação aos bens passageiros

História, pois quem ama verdadeiramente o Criador quererá que Ele seja louvado e glorificado pela humanidade inteira, em todo o mundo.

O exemplo de Judite

Parece elucidativo desta sagacidade perfeita o exemplo de Judite, narrado pelas Sagradas Escrituras.

No tempo de Nabucodonosor, rei da Babilônia, Holofernes marchou à frente de um poderoso exército com a ordem de apoderar-se de todas as províncias e devastar aquelas que desobedeciam os decretos reais. Sabendo que os judeus ofereciam resistência, dirigiu-se para a cidade israelita de Betúlia e sitiou-a. O povo, desprovido de mantimentos e sem esperanças de alcançar a vitória, estava prestes a capitular. À vista disso, uma viúva, inspirada pelo Deus de Israel, concebeu um plano de esperteza formidável.

Durante a noite, caminhou com sua criada até o acampamento inimigo. Dizendo ser portadora de uma crucial mensagem que levaria os pagãos à vitória, facilmente conseguiu ultrapassar as fileiras de soldados e penetrar na tenda do oficial assírio.

Dotada de uma beleza fora do comum, não foi difícil convencer aqueles espíritos entregues à impureza.

Fotos: Francisco Lecaros



À esquerda, bandidos assaltando um viajante, por Leonardo Alenza - Museu de Belas Artes, Bilbao (Espanha); à direita, encontro de Moisés nas águas do Nilo - Igreja de São Domingos de Silos, Córdoba (Espanha)

Narrou a situação na qual se encontravam os judeus, que viam naquele cerco um castigo por seus pecados. Estavam certos de sua derrota e assim seria fácil conquistá-los. Como era de se esperar, Judite alcançou a confiança do general, que a chamou para permanecer junto a si, no acampamento. Ela aceitou, alegando apenas que era seu costume sair às noites para orar ao Deus de seus antepassados, o que Holofernes permitiu com toda a benevolência.

Ora, no quarto dia, o general convocou os oficiais para um banquete, no qual todos, exceto

Judite, deram largas à sua intemperança. Após a ceia, estava ela no mesmo quarto de Holofernes, que jazia imerso em um profundo sono, embriagado pelo vinho (cf. Jt 12–13).

A sorte do povo israelita estava na decisão daquela mulher. A quem recorrer? Estava só. Ademais, devia agir prontamente, caso contrário, os judeus seriam derrotados.

Tomou então a espada que estava à cabeceira do leito e, após rezar interiormente para que o Deus de Israel lhe desse forças, desferiu dois golpes na nuca do general, arrancando-lhe a cabeça. Em seguida, envolveu-a em um pano e saiu do acampamento com a criada. Como isto já era costume, os guardas nada estranharam.



Judite com a cabeça de Holofernes - Catedral de Lisboa

*Quando a causa
de Deus e nosso
destino eterno se
encontram em jogo,
o Senhor nos
inspira a maneira
certa de agir*

Chegando a Betúlia, grande foi a alegria do povo por ver derrotado seu inimigo! E maior ainda foi o terror dos assírios quando, no dia seguinte, os judeus os atacaram de surpresa,

ostentando como bandeira, no alto das muralhas, a cabeça decepada de Holofernes (cf. Jt 13–15).

Todos podemos ser sagazes

Após considerar o que expõe São Tomás sobre a sagacidade e contemplar admiráveis exemplos desta virtude, certos espíritos menos adestrados poderiam imaginar que se trata de algo impossível de ser praticado por quem dá os primeiros passos na vida espiritual. Talvez mesmo alguém cogitará: “Já tenho tantas dificuldades em lidar com os pequenos

problemas do dia a dia... Nunca alcançarei esta sagacidade mais elevada”.

Engana-se. A todos aqueles que possuem a graça, é dada uma habilidade, ao menos suficiente, para tudo o que diz respeito à salvação.¹² Devemos ter a certeza de que, sempre que a causa de Deus e nosso destino eterno se encontrarem em jogo, como aconteceu com Judite ou São Paulo, o Senhor estará ao nosso lado para nos inspirar a maneira certa de agir. Com efeito, afirma São João: “A unção que recebestes de Jesus permanece convosco, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine. Sua unção vos ensina a respeito de tudo” (cf. I Jo 2, 27). ✧

¹ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.49, a.4.

² Cf. Idem, q.48, a.1.

³ Cf. Idem, q.49, a.3.

⁴ ARISTÓTELES. *Analytica posteriora*. L.I, c.34.

⁵ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.47, a.14, ad 2.

⁶ Cf. Idem, q.47, a.13.

⁷ Cabe lembrar que o Doutor Angélico cita esta passagem do Evangelho quando trata da prudência. Portanto, o termo *esperteza* deve ser entendido como sinônimo dessa virtude.

⁸ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Contra Iulianum*. L.IV, c.3, n.20. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 1984, v.XXXV, p.673.

⁹ SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Ejercicios Espirituales*. In: *Obras Completas*. 2.ed. Madrid: BAC, 1963, p.203.

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 13 set. 1969.

¹¹ SANTO AGOSTINHO. *Sermo XCI*, n.4. In: *Obras Completas*. Madrid. BAC, 1983, v.X, p.597.

¹² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.47, a.14, ad 1.

O Deus das vinganças está Se aproximando e vai vencer

Antônio Luitâne

A Igreja é o centro do gênero humano e a entidade que a Santíssima Virgem mais ama na terra. Ora, tendo se iniciado por ela o castigo predito por Nossa Senhora em Fátima, não temos todas as razões para temer seus efeitos sobre a sociedade civil, se esta persevera no mal?



Plínio Corrêa de Oliveira

Hoje, 13 de maio, devemos fazer um comentário a respeito de Nossa Senhora de Fátima, tema inúmeras vezes tratado entre nós e que, entretanto, precisa ser lembrado nesta data com especial solenidade.

De 1917 para cá, o mundo piorou espetacularmente

Dos múltiplos aspectos contidos no acontecimento de Fátima creio ha-

ver um que vem mais a propósito assinalar no presente comentário.

Antes de tudo, devemos considerar como traço saliente nessas aparições, as quais estão revestidas de um caráter profético, o fato de Nossa Senhora ter prometido ao mundo misericórdia se houvesse emenda de vida e se fosse feita a consagração pedida por Ela; e, ao mesmo tempo, ter ameaçado com castigos caso o mundo não se emendasse e não se realizasse essa consagração.

Esse esquema essencial das revelações de Fátima é também a substância das profecias do Antigo Testamento. Elas usam a mesma linguagem e apresentam a mesma alternativa em relação ao povo judeu e seus inimigos: bênção e louvores em caso de emenda, castigo se não houvesse conversão.

Ora, a ameaça feita por Nossa Senhora na Cova da Iria constitui, na realidade, um ato de misericórdia.

Ela adverte como uma mãe bondosa que diz: “Meu filho, não desejo puni-lo, mas sua atitude é tal que, se perseverar nela, vou me ver obrigada a castigá-lo”.

Em Fátima, Nossa Senhora fez, portanto, uma profecia seguindo o esquema clássico. E, transcorrido mais de meio século desde as aparições, vemos que tudo quanto A afligia na época, motivando suas queixas sobre o mundo contemporâneo, não só não melhorou, como piorou espetacularmente.

A crise da Igreja faz parte de um castigo...

Encontramo-nos, portanto, a caminho de um castigo, e não podemos deixar de concluir que a atual situação da Igreja faz parte dele. A Santíssima Virgem prometeu punir o mundo, do qual o Corpo Místico de Cristo é o eixo; atingido o eixo, a punição atinge toda a circunferência. A crise que lavra dentro da Igreja está, sem dúvida, compreendida, implícita ou explicitamente, nos castigos profetizados em Fátima.

Ora, terá ela sido realmente denunciada nas aparições?

Se Nossa Senhora houvesse anunciado na Cova da Iria esse castigo, é certo que se manteria isso em segredo, o que leva a crer ser este um dos

elementos da mensagem ainda não revelados. A Santíssima Virgem deve ter dito coisas muito duras a respeito do futuro da Igreja e do clero, e como não deram importância às suas advertências, aconteceu o prometido por Ela.

À vista disso, não podemos considerar que os castigos anunciados por Nossa Senhora em Fátima ainda estão por se realizar, mas que já começaram a acontecer. O processo punitivo se desencadeou e é muito mais plausível supor que ele chegue até o fim do que esperar que se detenha.

...que deve se estender ao mundo todo

A Igreja é uma sociedade espiritual, centro do gênero humano, o que há de mais elevado no orbe. Toda a História gira em torno dela. Trata-se da instituição que Nossa Senhora mais ama na terra e de sua salubridade depende a da ordem moral e religiosa neste mundo.

No anteriormente dito, destaco os dois últimos traços.

Se considero o primeiro, vejo que Nossa Senhora puniu aquilo que mais ama. Então, será que Ela poupará o resto, que também não dá sinais de emenda? Se a Igreja, parte mais nobre e que menos deveria reecer, já está

sendo punida, não terá a parte menos nobre todas as razões para temer o castigo, se persevera no mal?

O segundo aspecto refere-se à salubridade da Igreja como condição da sanidade da sociedade. Se, no momento, ela está passando por uma crise sem precedentes na História, será possível que o mundo não se contamine também?

Portanto, os castigos profetizados por Nossa Senhora já estão em curso e isso deve nos levar a crer ainda mais na mensagem de Fátima.

Processo punitivo que está chegando ao seu paroxismo

Eu repito esquematicamente o raciocínio.

Primeiro ponto: a mensagem de Fátima é uma profecia, não oficial, como as do Antigo Testamento ou do Apocalipse, mas com todas as características de uma profecia autêntica. Ela contém a denúncia de um estado altamente censurável, um convite amoroso a abandoná-lo, uma ameaça e a previsão de um castigo caso a situação não mude.

Segundo ponto: no que ela tem de público, essa mensagem não fala, ou pelo menos não trata de um modo frisante, de um castigo para a Igreja, mas sim para o gênero humano. Diz a certa altura que o Papa sofrerá mui-

A crise que lavra dentro da Igreja está, sem dúvida, implícita ou explicitamente, nos castigos profetizados em Fátima

Dr. Plínio rezando diante da Sagrada Imagem, em meados da década de 1970



to; porém, não atribui a causa desses sofrimentos aos pecados da Igreja.

Contudo, sabendo que a profecia tem partes secretas, surge a indagação: Nossa Senhora não terá revelado ali esse castigo? Certamente sim, pois é natural que quem anuncia a punição do mundo, fale do aspecto pior dessa punição.

Logo, tudo leva a crer que o castigo da Igreja seja um dos elementos centrais da profecia de Fátima. E, se isso é verdade, ela já começou a se realizar, levando-nos a nos perguntar: há razões para esperar que o processo punitivo se detenha?

Ora, se esse processo está chegando a um paroxismo em relação à parte mais nobre e mais amada por Nossa Senhora, por que não chegará também ao auge em relação à parte menos nobre e menos amada, que é a sociedade civil? Tanto mais que a sociedade civil – enormemente amada por Maria Santíssima, mas menos do que a Igreja – não se emendou; pelo contrário, persevera no pecado.

Quando a Igreja está em um estado insalubre, o mundo se torna igualmente insalubre, e a situação do mundo chegou ao ponto de prenunciar uma convulsão suprema. Se o castigo já começou na Igreja, é inevitável que, cedo ou tarde, ele atinja a sociedade civil, pois quem golpeia uma árvore na sua raiz atinge a árvore inteira.

Alegria porque, afinal de contas, o Reino de Maria vai chegar

Alguém poderá dizer: “Dr. Plínio, não compreendo... Hoje, dia de Nossa Senhora de Fátima, comemoramos a ternura e afeto da nossa Mãe. E, em vez de tratar sobre isso, o senhor faz uma análise seca da sua mensagem, que nos atormenta e estremece. É assim que se festeja uma Mãe?”

A essa objeção, respondo o seguinte: “Há um modo melhor de festejar um profeta do que pronunciando um ato de fé na sua mensagem?” A Santíssima Virgem revelou tudo isso por



David Domingues

Imaculado Coração de Maria - Igreja de San Benedetto in Piscinula, Roma

Na profecia contém a denúncia de um estado censurável, um convite a abandoná-lo, e a previsão de um castigo caso a situação não mude

amor, dando-nos a possibilidade de contemplar a Deus enquanto Regedor de toda a História e de admirar seus altos desígnios, certos de que, inclusive quando permite o mal, Ele o faz para sua maior glória. Há mil razões que não cabem no espaço de numa conferência, para nos enlevarmos com essa visão e O adorarmos.

Uma vez que Nossa Senhora falou, não há melhor ato de reconhecimento às palavras amorosas d’Ela do que procurarmos entendê-las e tomá-las a sério. Por isso, uma comemoração séria do dia de Fátima deve incluir uma análise séria da profecia.

Oxalá a Santíssima Virgem dê a cada um de nós graças para que essa análise frutifique na alegria, entusiasmo e espírito de desprendimento que decorrem da certeza do cumprimento de suas profecias. A perspectiva dessa realização não atormenta, não apavora, nem sequer induz uma fria indiferença; pelo contrário, enche a alma de contentamento.

Há uma forma de zelo pela Lei e pela glória do Altíssimo que faz sentir alívio ao ver que, afinal de contas, o Deus das vinganças está Se aproximando e vai vencer, o Reino de Maria vai chegar. Essa é única alegria capaz de encher por completo a alma do contrarrevolucionário que abnega completamente de si mesmo.

É isso que eu desejo a todos nesta data. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de:

Dr. Plínio. São Paulo. Ano XXI. N.242 (maio, 2018); p.19-21

¹ Dr. Plínio usava essa expressão para se referir à forma de devoção propugnada por São Luís Maria Grignion de Montfort, que consiste em praticar todas as ações com Maria, em Maria, por Maria e para Maria. A fidelidade a essa devoção é fonte extremamente rica de novas graças e tem por principal fruto estabelecer a própria vida da Santíssima Virgem na alma.

Os pastorinhos de Fátima e o Segredo de Maria

O Imaculado Coração de Maria triunfou sobre Francisco e Jacinta, transformando-os em intercessores naturais para pedir que o Reino d’Ela comece logo em nossas almas.

As sucessivas aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria transformaram suavemente os três pastorinhos. E algo parecido acontece com quem se abre ao Segredo de Maria.¹

Tal devoção produz uma dessas profundas ações da graça que se desenvolvem sem a pessoa dar-se conta inteiramente. A alma vai sentindo-se cada vez mais livre e desembaraçada para praticar o bem; os defeitos que a prendem ao mal vão se dissolvendo aos poucos. Ela cresce em amor a Deus, cresce em vontade de se dedicar, cresce em oposição ao pecado, mas tudo isso se dá de forma maravilhosa no seu interior.

A alma tocada pelo Segredo de Maria não trava as grandes, metódicas e admiráveis batalhas para crescer em santidade e alcançar o Céu próprias àqueles que lutam de acordo com o sistema clássico da vida espiritual. É Nossa Senhora quem a transforma de um momento para o outro.

Considerando como Maria Santíssima agiu em Fátima – especialmente com Jacinta e Francisco, logo chamados para o Céu –, podemos nos perguntar como Ela agirá sobre a humanidade no seu conjunto quando se cumprirem as promessas ali feitas, e nos é lícito prever que

elas se realizarão de um modo semelhante.

Portanto, na transformação operada na alma das duas crianças devemos ver, creio eu, um dos múltiplos começos do Reino de Maria – porque as obras enormes têm muitos começos – e um símbolo das transformações profundas que marcarão essa era da História.

O Imaculado Coração de Maria triunfou sobre duas almas pregoeiras da sua grande revelação, as quais, pelos sacrifícios e preces realizados na terra e pelas orações que hoje fazem no Céu, ajudaram e ajudam as almas a aceitar a mensagem de Fátima.

Francisco e Jacinta são, em consequência, os intercessores naturais para pedir que o Reino de Maria comece logo nas nossas almas, pela ação misteriosa do Segredo de Maria. Devemos suplicar com insistência, a ambos, que nos façam participar dos dons que eles receberam, e que velem especialmente sobre aqueles cuja missão é pregar a mensagem de Fátima e viver em função dela. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de:
Dr. Plínio. São Paulo. Ano XVI.
N.179 (fev., 2013); p.28-30



Lúcia, Francisco e Jacinta - Paroquia Matriz de Fátima, (Portugal)

Uma mensagem profética

Estamos num momento decisivo da História, no qual Deus nos aponta dois caminhos: um para aqueles que querem entrar no Reino de sua Mãe Santíssima; outro para os que preferem continuar vivendo no reino feito de pecado.



Pe. Fernando Néstor Gioia Otero, EP

Entre as diversas aparições de Nossa Senhora ao longo da História destacam-se as ocorridas em 1917 em Fátima, Portugal, pelo seu marcado caráter profético.

“Ela veio em pessoa” – comenta Mons. João Scognamiglio Clá Dias, fundador dos Arautos do Evangelho – “lembrar verdades esquecidas, como a existência do inferno, e ameaçar os homens com castigos terríveis caso não reconduzíssem suas vidas pela estrada da justiça. [...] Nossa Senhora quis falar no início de um século que se caracterizaria pelo silêncio dos que deveriam bradar ou, pior ainda, pelo engano daqueles que, conhecendo a verdade, procurariam obscurecê-la porque suas obras eram más (cf. Jo 3, 19)”.¹

Previsões fielmente cumpridas

Se relermos as previsões contidas nessa mensagem ficaremos impactados por verificar que grande parte delas se cumpriu exatamente como anunciado.

Analisemos, por exemplo, alguns trechos do texto que ficou conhecido como a segunda parte do segredo de Fátima, revelado na aparição do dia 13 de julho.²

“A guerra vai acabar” – referência feita por Nossa Senhora à Primeira Guerra Mundial, em curso durante as

aparições e que, de fato, encerrou-se em novembro do ano seguinte –, “mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior”. Isto se cumpriu com o advento da Segunda Guerra Mundial, preluída pela anexação da Áustria e de parte da Tchecoslováquia em 1938.

Não apenas o contexto temporal em que o conflito se desencadearia foi indicado pela Santíssima Virgem, mas também a forma em que seria pressagiado: “Quando virdes uma noite alumada por uma luz desconhecida, sabe que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo de seus crimes”. Trata-se da aurora boreal que iluminou os céus da Europa na noite de 25 de janeiro de 1938, considerada pela Ir. Lúcia, única dos pastores vivos à época, como o sinal prometido pela Mãe de Deus.

Por fim, Ela enumerou as características do castigo: “Por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre”. E mostrou o caminho para evitá-lo: “Virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados”; acrescentando: “Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja”.

Como suas exortações não foram atendidas, o comunismo tomou conta da Rússia poucos meses depois dessa aparição, levando à morte milhões de seres humanos.

Anúncios por se realizarem

Muito do que foi predito já se cumpriu, como pudemos comprovar. Outros vaticínios, porém, ainda não se realizaram ou se verificaram apenas em parte. Consideremos algumas destas previsões:

“O Santo Padre terá muito que sofrer”. Misteriosas palavras, sobre as quais não sabemos o que dizer. Poderão ser elas motivo de elucubrações em outra oportunidade.

“Várias nações serão aniquiladas”. Não o vimos até o momento. Contudo, não deixa de ser preocupante a ocorrência nos últimos tempos de tantas catástrofes em diferentes partes do globo terrestre: pandemia da COVID-19, terremotos, inundações, intensas nevascas, incêndios, ciclones, pragas de insetos, etc. Tememos que tais fenômenos sejam um início dos acontecimentos previstos.

Em janeiro de 1944, a Ir. Lúcia teve uma visão surpreendente enquanto rezava diante do Santíssimo Sacramento: “Montanhas, cidades, vilas e aldeias com os seus moradores são sepultados. O mar, os rios e as



Lúcia, Francisco e Jacinta -
Fátima (Portugal)

Muitas das profecias já se cumpriram. Outros vaticínios, porém, ainda não se realizaram ou se verificaram apenas em parte

nuvens saem dos seus limites, transbordam, inundam e arrastam consigo, num redemoinho, moradias e gente em número que não se pode contar. É a purificação do mundo pelo pecado em que se mergulha. O ódio, a ambição provocam a guerra destruidora!”³

“Guerras”: o perigo de explodir uma guerra nuclear de âmbito mundial não está tão longe da realidade.

“Perseguições à Igreja”: sucedem-se incessantemente notícias a esse respeito, que parecem ser apenas o começo.

Caminho de esperança em meio à catástrofe

A mensagem de Fátima é uma profecia – não oficial, mas autêntica –, com todas as suas características. Se tivéssemos de resumi-la em poucas palavras, bastar-nos-iam cinco: anúncio, pedido, advertência, castigo e prêmio. Ou seja, a denúncia de um mundo dominado pelo pecado; o pedido de

os homens renunciarem a ele; a previsão de um castigo, caso esse estado de coisas não seja abandonado; a proclamação de uma nova era histórica, que virá somente depois da penitência e conversão dos homens.

Nesse panorama de avisos ameaçadores, abre-se um caminho de esperança ao ouvir sua firme e maternal promessa: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará” e “será concedido ao mundo algum tempo de paz”.

Trata-se da grandiosa era histórica profetizada por tantos Santos, principalmente por São Luís Maria Grignon de Montfort: “Quando virá esse tempo feliz em que a divina Maria será estabelecida Senhora e Soberana nos corações, para os submeter plenamente ao império de seu grande e único Jesus? Quando é que as almas respirarão Maria como os

corpos respiram o ar? Coisas maravilhosas acontecerão então neste pobre mundo”.⁴

Nessa época bendita, o Céu se unirá à terra, os infernos serão derrotados e os Anjos se juntarão aos homens para cantar: “Glória a Maria em seu Reino, pois seu Imaculado Coração triunfou!”

“Será o reinado da clemência, da piedade e da doçura de Nossa Senhora [...]. Assim como nos dias atuais se inala em qualquer parte o hálito pestilento e imundo da Revolução, caracterizado pela revolta, pelo igualitarismo e pela sensualidade desbragada, durante o Reino de Maria se respirará o suave perfume da presença e das virtudes da Rainha Celestial, quer nas almas e nos ambientes, quer nos costumes e até nas civilizações”.⁵

Escolheremos o Reino de Maria ou o reino do pecado?

Estamos num momento decisivo da História, no qual Deus nos aponta dois caminhos: um para aqueles que querem entrar no Reino de sua Mãe Santíssima; outro para os que preferem continuar vivendo no reino feito de pecado.

Os que querem fazer parte do Reino de Maria devem ouvir os autênticos porta-vozes da Virgem Santíssima e seguir seus conselhos, com um coração renovado. Estes entrarão no caminho da salvação.

Para eles está preparado um reino de pureza e de bondade, emanadas do maternal Coração da Mãe de Deus; um reino de grande esplendor, na sociedade temporal como na Igreja, pela abundância das graças derramadas pelo Divino Espírito Santo. ✠

¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens. Maria, eixo da História*. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2020, v.III, p.112.

² Os trechos desta parte do segmento usados no presente artigo foram transcritos de: IRMÃ LÚCIA. *Memórias*. 13.ed. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2007, p.177.

³ IRMÃ LÚCIA. *O meu caminho*, apud CARMELO DE COIMBRA. *Um caminho sob o olhar de Maria. Biografia da Ir. Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado*, OCD. Coimbra: Edições Carmelo, 2013, p.267.

⁴ SÃO LUÍS MARIA GRIGNON DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.217.

⁵ CLÁ DIAS, op. cit., p.123.



SÃO BERNARDINO DE SIENA

Voz para um mundo em declínio

Quando parecia ter “acabado o vinho” da virtude e da graça, e a Cristandade, decaída, voltava-se ao paganismo, uma figura especialmente eleita se levantou, apontando para Aquele que tudo pode solucionar.



Ir. Maria Beatriz Ribeiro Matos, EP

Pelas ruas tortuosas de Siena, um rapaz caminha. A cidade, ocupada em seus trabalhos e intrigas, não o nota. De porte mediano e varonil, semblante agradável e olhar alegre, ele tem inúmeros amigos e todos o estimam; no entanto, está só. Ao menos pensa estar só... Um pouco atrás, escondida entre as casas, uma senhora segue seus passos. Sua fisionomia contrasta com a do jovem, pois anda apreensiva, como se estivesse prestes a se deparar com algo indesejável.

Sim, Tobia estava preocupada. Amava aquele rapaz como a um filho. Embora fossem primos, uma grande diferença de idade os separava, e ela o vira crescer. Filho da nobre família dos Albizzeschi, Bernardino perdera a mãe antes dos três anos e, nem completara os seis, o pai também, ficando entregue aos cuidados de suas três tias – Diana, Pia e Bartolomea – e da prima Tobia, que dele cuidaram e o educaram com todo o esmero.

Bernardino sempre fora muito recatado e suas tutoras haviam se em-

penhado para que o ambiente no qual transcorreu sua infância não lhe manchasse a inocência. O menino correspondeu a esse desvelo, e à piedade natural se acrescentou a virtude. Entretanto, o tempo tinha passado e Bernardino tornara-se moço. Suas tias e Tobia temiam por ele. Muito o alertaram sobre os perigos do pecado e as más tendências que, ao longo dos séculos, perverteram os jovens.

Um dia, porém, respondendo às suas advertências, Bernardino surpreendera Tobia:

— Estou, de fato, encantado por uma dama muito nobre. Daria minha vida para me alegrar com sua presença, e não dormiria à noite se passasse o dia sem tê-la visto.

Alguns dias depois, Bernardino voltou ao assunto:

— Vou agora ver a minha bela amiga.

— Mas quem é ela? Onde mora? – perguntou-lhe Tobia.

— Além da Porta Camollia.

Nada mais podendo dele saber, a prima, intrigada, decidiu espioná-lo.

E ali estava ela, esgueirando-se pelas esquinas da cidade de Siena, na tentativa de não ser vista.

Chegando, por fim, à Porta Camollia, Bernardino parou e, diante de Nossa Senhora Assunta aos Céus, ali representada numa bela pintura, ajoelhou-se. O que ele Lhe disse, Tobia certamente nunca soube, mas o fervor e o enlevo transmitidos por seu semblante transmitia deixavam entrever que aquele convívio era mais do Céu que da terra. Depois, levantando-se, o rapaz retornou à casa.

Tobia, sempre às escondidas, voltou a segui-lo durante vários dias, e saiu sempre edificada. Até que conseguiu fazer o primo declarar quem era a nobre dama da qual falava:

— Minha mãe – respondeu ele –, já que vós mandais, direi o segredo de meu coração. Estou apaixonado pela Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus; sempre A amei, por Ela tenho abrasado o coração e a Ela é que desejo ver. N’Ela queria eu fixar para sempre o meu olhar com a veneração que Lhe é devida.

A aurora de uma vida sob o auspício da Mãe de Deus

Se grande era o afeto de Bernardino pela Santíssima Virgem, mais excelente era o d'Aquela que o havia amado primeiro. Sim, pois antes mesmo que o conhecimento desse menino se abrisse para as coisas do mundo, antes que seus olhos se encantassem com a criação, antes ainda que sua língua inexperiente balbuciasse as primeiras palavras, Maria o tinha escolhido para Si.

Uma dúvida não tardou a despon-tar no seu coração juvenil: como dedicar-se a Ela? Em que estado de vida Ela o queria? E foi então que a peste, tão temida e indesejada, bateu às portas de Siena. Bernardino, com apenas dezessete anos, dedicou-se heroicamente no auxílio aos doentes. Depois de quatro meses, esgotado pelos seus trabalhos, caiu ele próprio vítima da peste e parecia estar próximo do fim. Porém, contra a expectativa de muitos, sua saúde se restabeleceu.

O que fazer dessa vida que Maria lhe devolvia? – continuava se perguntando ele. A religião o atraía sobremaneira; seria essa a vontade de Deus? Cheio de fervor juvenil – tantas vezes avesso à prudência e ao “bom senso” – Bernardino tenta a

vida de ermitão. Com o seu característico humor, narrará mais tarde essa insólita experiência:

“Quero contar-lhes o primeiro milagre que fiz. Isso aconteceu antes de me tornar frade [...]. Tomei a resolução de querer viver como um Anjo e não como um homem. Pensei em instalar-me numa floresta e comecei a perguntar a mim mesmo: ‘Que farás na floresta? Que comerás?’ Respondia-me: ‘Farei como os Santos Padres; comerei erva quando tiver fome e beberei água quando tiver sede’. [...] E, depois de invocar o nome bendito de Jesus, pus na boca uma porção de ervas amargas e comecei a mastigar. Mastigo e mastigo, mas não querem descer. Não podendo engolir, pensei: ‘Bebamos um pouco d’água’. Pois sim, a água descia e a erva continuava na boca. Bebi vários goles d’água com uma só porção de ervas e não consegui engolir”.¹

Dissuadido da vida solitária, por haver compreendido não ser esta a via para a qual a Providência o destinava, seus olhos se voltam para os Frades Menores. Entusiasma-se pela sua regra, e o chamado divino se confirma num sonho. Despojando-se das honras de seu sangue e dos bens terrenos, Bernardino toma o hábito de São

Francisco. Era o dia 8 de setembro de 1402, festa da Natividade de Nossa Senhora e data em que ele cumpria vinte e dois anos.

Assim, foi sempre sob o manto protetor da Rainha dos Céus que ele deu os grandes passos de sua vida, como contava:

“Nasci no dia da Natividade da Bem-Aventurada Virgem, e no mesmo dia [...] renasci, entrando para a Ordem do Seráfico Pai Francisco; neste dia professei os votos na Ordem, neste dia celebrei a primeira Missa e pronunciei o primeiro sermão ao povo sobre a Bem-Aventurada Virgem, de cujo amor e graça espero neste dia também partir desta vida”.²

Incansável dedicação e zelo pelas almas

Em certa ocasião, o jovem franciscano foi assistir a uma pregação de São Vicente Ferrer, cujas palavras sacudiam as multidões, apontando a modorra e o paganismo em que a Cristandade se afundava. No dia anterior, Bernardino conversara pessoalmente com o dominicano, saindo cheio de gratidão e consolo. E São Vicente, discernindo o chamado de seu interlocutor, previu durante o sermão o futuro que o esperava:



Fotos: Reprodução

Seu zelo incansável vai edificar e converter multidões na Itália, imersa então no neopaganismo renascentista

São Bernardino de Siena queimando livros malignos - Museu do Vaticano, Roma;
foto anterior São Bernardino de Siena, por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença (Itália)

“Ó meus filhos, está nesta reunião um religioso da Ordem dos Frades Menores, que, em breve, será um homem ilustre em toda a Itália; sua palavra e seus exemplos hão de produzir grandes frutos entre o povo cristão. Exorto-vos, pois, a render graças a Deus; roguemos-Lhe, todos juntos, que cumpra o que me revelou”.³

Algum tempo se passaria até a profecia realizar-se. Por muitos anos, Bernardino se escondeu nas brumas do anonimato. No silêncio do convento, ele subiu os degraus da virtude e do conhecimento, para depois, sobre o púlpito, transmitir não apenas a doutrina, mas irradiar a santidade. E era por ela movidas que as multidões “*concurrerant ad ecclesias instar formicarum*”.⁴

Seu zelo incansável vai edificar e converter multidões na Itália, imersa então no neopaganismo renascentista. De 1419 a 1422, sua voz ecoa na Lombardia, acentuadamente em Bérgamo, Como, Mântua, Cremona, Placência e Bréscia. Em cada cidade, detém-se algumas semanas, para logo buscar, a pé, na cidade vizinha, almas a quem fazer o bem.

Método vivo e original de mover os corações

No púlpito, sua genialidade e virtude se unem para atrair os pecadores à amizade com Deus. Conta-se, por exemplo, que chegando à cidade de Perúgia, na Úmbria, encontrou um povo indiferente aos assuntos da Fé, afeito a contínuas e ferozes guerras intestinas. Embora muitos comparecessem às pregações, Frei Bernardino não se dava por satisfeito. Um dia, perante o público reunido, anunciou:

— Caros habitantes de Perúgia, em pouco tempo eu lhes mostrarei o diabo.

Com a curiosidade acesa, no dia seguinte o auditório se multiplicou. E, ao cabo de alguns dias, o pregador declarou:

— Vou cumprir minha promessa e vou lhes mostrar não só um demônio, mas vários.

Todos o fitavam, atentos, imaginando que profundidade haveria de se abrir para o pai das trevas tornar-se visível.

— Olhai-vos uns aos outros – prosseguiu Frei Bernardino – e vereis demônios!

E num tom de extrema gravidade, que não admitia gracejo, o Santo advertiu ao povo que praticava as obras de Satanás e, por isso, merecia ser chamado seu filho. Finalmente a graça, conduzida por Frei Bernardino, atingiu o coração daquela gente e a conversão foi completa.

Com um homem de Deus não se brinca!

Anos depois, porém, a discórdia e a violência reinavam novamente na cidade e o Santo franciscano lá retorna.

— Deus viu vossas dissensões, que Ele detesta – disse, subindo ao púlpito – e me mandou a vós, como seu Anjo, para falar aos homens de boa vontade.

Quatro sermões se seguem, e Bernardino luta para reconciliar aquelas almas. No último dia, conclui solenemente:

— Que todos os homens de boa vontade, desejosos de paz, coloquem-se à minha direita.

O povo, comovido, deslocou-se em massa para a direita do Santo. Todos, exceto um que, desafiante, conservou-se sozinho com sua família à esquerda. Então, o humilde franciscano mostra que o seu zelo também o transformava, na necessidade, em implacável juiz.

— Eis-te sozinho – disse ao infeliz –, obstinado em teu erro. Eu te exorto, em nome de Deus, uma vez mais, a perdoar aos outros, de coração, o que possam ter feito contra ti e tua família. Se não me escutares, podes estar certo de que não voltarás vivo para casa.

Ora, com um homem de Deus não se brinca... Aquele desgraçado não desistiu de sua má conduta e, apenas chegando à casa, morreu, sem receber os Sacramentos da Igreja.

Ao nome de Jesus, todo joelho se dobrará... até na Renascença

Muitos dos sermões de São Bernardino se conservaram para a posteridade. Em estilo fácil, atraentes, repletos de metáforas e exemplos, permitem reconstituir o ambiente que em torno dele se criava e, de certa forma, sentir a graça que sobre ele pairava. Sermões que foram palco de uma grande batalha, à qual o santo franciscano se dedicaria de corpo e alma.

De fato, ao passarmos as páginas que compõem a história de São Bernardino, não podemos desconsiderar a difícil conjuntura na qual se encontrava o mundo, e como a humanidade tomava um rumo completamente oposto ao que a Igreja lhe indicara ao longo dos séculos. Dando as costas ao Sangue que os redimira e inebriando-se com as coisas da terra a ponto de esquecerem-se do Céu, os homens voltavam a embriagar-se com o “vinho velho” do paganismo. Era a brilhante, mas em tantos aspectos reprovável, Renascença que chegava. Expulsava-se Deus de seu trono, e em seu lugar o homem se sentava.

Os frutos de tal inversão de valores não se fizeram esperar: discórdias e guerras, imoralidades e desvarios passaram a formar parte do cotidiano. Faltava alguém que, como Nossa Senhora nas Bodas de Caná, indicasse à humanidade: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2, 5), e a reconduzisse a Jesus. Foi este o papel verdadeiramente marial de São Bernardino.

Por exemplo, reinava grande desavença política entre os habitantes de Veneza, como, aliás, em muitas outras cidades da Península Itálica. As casas eram identificadas por um

azulejo com o nome ou as armas da família, o qual indicava também o partido dos moradores. Quando Frei Bernardino por lá passou, seu coração inflamado proclamou a todos o nome de Cristo, e os venezianos, comovidos, trocaram as marcas da discórdia por um azulejo com o Santíssimo Nome de Jesus.

E assim, percorrendo as cidades, Frei Bernardino deixava atrás de si o nome de Jesus marcado nos lares e, sobretudo, gravado nos corações.

Acusado de heresia...

Não podia ficar inativo o antigo inimigo enquanto o santo franciscano lhe arrancava das mãos tantas almas. E eis que, em Roma, Frei Bernardino é acusado de heresia. Heresia?! Sim, pois houve quem quisesse enxergar aspectos de idolatria na sua forma de venerar o nome de Jesus!

O Papa Martinho V convoca o ilustre pregador para apresentar explicações na Cidade Eterna. O momento é de grande comoção, sobretudo para os católicos italianos, que tanto tinham recebido de Frei Bernardino. Todos parecem temer, menos ele. Muitos que antes o aplaudiam, agora o ultrajam.

Um dia, ao verem com admiração como, após receber grandes insultos, ele se recolhia para estudar calmamente em sua cela, respondeu: “Cada vez que entro em minha cela, todas as injúrias ficam do lado de fora; nenhum ultraje se atreve a entrar comigo, de modo que não me causam nem empecilho, nem desgosto”.⁵

Para defender a honra do mestre ofendido, um discípulo seu, também renomado pregador, comparece à Cidade Eterna, portando um ostensivo estandarte no qual se lê o Nome de Jesus: trata-se do audacioso capuchinho São João de Capistrano. Final-



Finalmente, a vitória de São Bernardino foi completa

São Bernardino, por Maestro de Osma - Museu Lázaro Galdiano, Madri

mente, ambos comparecem diante do Pontífice e procede-se a um debate entre eles e os opositores. A vitória de Bernardino, ou melhor, de Jesus, é completa; o Papa, em reparação, ordena uma procissão em honra de seu Santíssimo Nome, que a partir de então passa a figurar no alto das igrejas e no cimo dos telhados, também em Roma.

Últimos esforços, dedicação inteira

Mesmo sentindo-se já próximo de seu fim, Frei Bernardino não descança. Pelo contrário, sedento de almas, vai à busca daquelas que sua caridade ainda não lograra alcançar, e aos que disso procuravam dissuadi-lo, responde: “Não ignoro que estou velho e pouco apto a suportar o cansaço; porém, o amor que me urge, obriga-me, enquanto puder mexer a língua, a nunca deixar de anunciar a Palavra de Deus, a exortar as popula-

ções e, para esta obra, empreender viagens, mesmo que fossem em longínquas terras”.⁶

O Reino de Nápoles é o seu próximo destino. Em 30 de abril de 1444, ele deixa Siena secretamente. No caminho, despede-se da velha cidade de Perúgia, de onde parte para visitar por última vez o Convento de Santa Maria dos Anjos, em Assis. Em Espoletto, suas forças começam a faltar. Quando atinge a Cittaducale, na fronteira com o reino napolitano, Bernardino sobe pela última vez a um púlpito. Em Áquila, é obrigado a repousar no mosteiro franciscano.

E então, com sessenta e quatro anos de idade, dos quais quarenta e dois enquanto religioso e, no mínimo, vinte como pregador, Frei Bernardino entrega sua bela alma a Deus. Quisera ele morrer na festa da Natividade ou da Assunção, mas Jesus lhe pedira a renúncia a esse san-

to desejo. Era a véspera da Ascensão do Senhor.

Decerto, no Céu Bernardino dizia a Deus as palavras que seus irmãos cantavam piedosamente na capela ao render-lhe as últimas homenagens: “Meu Pai, tornei teu nome conhecido aos homens que me deste, e agora rogo por eles, não pelo mundo, pois venho a Ti. Aleluia”.⁷ ✧

¹ SÃO BERNARDINO DE SIENA. *Le prediche volgari*. Siena: Tip. Edit. all'inseg. di S. Bernardino, 1884, v.II, p.351; 353.

² THUREAU-DANGIN, Paulo. *São Bernardino de Sena. Um pregador popular na Itália da Renascença*. Petrópolis: Vozes, 1937, p.27, nota 14.

³ Idem, p.37.

⁴ Idem, p.55. Do latim: “Acorriam às igrejas como formigas”.

⁵ Idem, p.101-102.

⁶ Idem, p.248.

⁷ Idem, p.254.

Guerra de extermínio entre Anjos e demônios

Essa “guerra civil” em pleno Paraíso se nos afigura como um acontecimento envolto nas névoas do mistério. Querer reconstituí-la parece uma utopia teológica... Mas não será justamente isso que torna o desafio tão apaixonante?



Marcelo Soares Teixeira da Costa

O trabalho do historiador parece por vezes ingrato. Nesse gênero de estudo, é comum deparar-se com fontes incongruentes, documentos incompletos, danificados ou mesmo duvidosos. Muitas vezes torna-se forçoso o recurso à estimativa e à dedução, recurso este que, em português vulgar, recebe o nome de *palpite*...

Contudo faz-se necessário admitir que, quanto mais árduo se torna desvendar os acontecimentos remotos, quanto mais fino é o esforço mental que se debruça sobre aqueles indícios vagos, a fim de uni-los e dar-lhes sentido, tanto maior resulta a alegria de encontrar a verdade. Quanto mais intrincado o mistério, tanto mais meritória é a descoberta.

Quem enfrentou o desafio

Tem-se a impressão de que algo disso ocorreu com os Padres, Doutores e exegetas ao tentar reconstituir o que se passou no nascedouro do mundo angélico. Como delinear fatos ocorridos antes mesmo da criação do homem, e com seres de uma natureza diferente da nossa? Que do-

cumentos buscar, a quais testemunhas recorrer?

A única fonte inteiramente crível de que dispunham era a Bíblia, extremamente parca ao tratar do assunto.

Poderiam acrescentar-se a ela os relatos contidos nos apócrifos do Antigo Testamento. Textos por certo muito belos, ricos em detalhes impressionantes, porém demasiadamente imaginativos e que a Igreja não reconheceu como canônicos.

Os Santos acabaram por admitir, cada um à sua vez, a impossibilidade de chegar a algo conclusivo nessa matéria, e boa parte do que ouvimos em nossas aulas de catecismo a respeito do pecado dos Anjos e da grande batalha que se seguiu, o *Praelium Magnum*, não passa de meras hipóteses – bem entendido, solidamente fundamentadas – que, entretanto, não são unânimes e tampouco constituem matéria de Fé.

Portanto, essa “guerra civil” ocorrida em pleno Paraíso se nos afigura como um acontecimento envolto nas névoas do mistério e da dúvida. Reconstituí-la de maneira definitiva é propriamente uma utopia teológica... Mas não será justamente isso que torna o desafio tão apaixonante?

O campo de batalha

Para delinear qualquer fato histórico, uma das primeiras perguntas a se fazer é: *onde* ele se deu?

São Tomás de Aquino¹ sustenta que os Anjos foram criados em um espaço físico. Como os puros espíritos governam o universo visível e possuem domínio sobre a matéria, era conveniente que Deus os criasse no mais sublime local corpóreo, para de lá exercerem esse poder.

O centro de operações dos Anjos é, pois, descrito como uma região maravilhosa, livre de corrupção, repleta de luz. Seu nome é Céu Empíreo, ou seja, Céu ígneo, não devido ao calor do fogo, mas ao seu esplendor.²

Número de combatentes

Dado crucial para se reconstituir a cena de uma batalha é o número dos guerreiros.

O Livro de Daniel enumera “milhares e milhares” e “dezenas de milhares” que assistem diante do trono de Deus (cf. 7, 10). Esta cifra, que pode nos parecer uma hipérbole, foi vista pelos Padres da Igreja de maneira diversa. São Cirilo de Jerusalém³ crê que o exagero tenha sido, na realidade, para menos!

Estima ele que a parábola do Bom Pastor, o qual abandonou noventa e nove ovelhas e saiu em busca da única que se perdeu, faz alusão ao Verbo de Deus que, “abandonando” o convívio com os Anjos no Céu, vem à terra para salvar o gênero humano. Portanto, a humanidade inteira, desde Adão até o fim dos tempos, estaria para o mundo angélico numa proporção de um para noventa e nove. E isso, contando apenas os Anjos fiéis!

Acontecimento anterior à humanidade

No que diz respeito ao *quando*, a Igreja jamais se pronunciou a respeito do momento exato em que surgiu a milícia celeste. Os Padres e Doutores levantaram diversas suposições. É, porém, notório seu cuidado em não desmentir àqueles que, após cuidadosa análise, tentaram estabelecer-lo.

Santo Agostinho,⁴ por exemplo, enquadra a criação dos Anjos no primeiro dia da obra de Deus narrada no Gênesis, fundando-se nos seguintes versículos do texto sagrado: “Deus disse: ‘Faça-se a luz!’ E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas” (1, 3-4).

O Santo Bispo de Hipona interpreta o termo “luz” como uma menção aos puros espíritos. No primeiro dia, Deus cria os Anjos e vê que todos são bons – seria absurdo imaginar que os demônios fossem maus desde o princípio, porque Deus não pode ser a causa do mal⁵ –; em seguida, Ele separa “a luz das trevas”, significando o pecado e a expulsão dos demônios.

Desde os primórdios, definidos em função da luta

É interessante notar que a narrativa da criação da luz vem seguida imediatamente de sua separação das tre-



Queda dos anjos rebeldes - Les Très Riches Heures du Duc de Berry, Castelo de Chantilly (França)

Se os anjos maus não houvessem posto um obstáculo à sua moção rumo ao bem, todos se definiriam para sempre a favor de Deus

vas. Esse pequeno detalhe possui um sentido muito profundo, que pode ser compreendido pelas palavras de São João em sua Primeira Carta: “O diabo peca desde o princípio” (3, 8).

Das explicitações de São Tomás⁶ sobre o tema, depreende-se que, no primeiro instante de sua existência, os Anjos conheceram-se a si mesmos e constataram ser meras criaturas, distintas do Todo-Poderoso. Esse ato inicial foi acompanhado de um movimento natural para o bem.

Ora, sabemos que a vontade angélica é tal que não comporta as hesitações e arrependimentos a que nós, homens, estamos acostumados. A partir do momento em que um Anjo adere a algo, jamais se retratará da atitude que tomou.

Se os anjos maus não houvessem posto *imediatamente* um obstáculo à sua moção rumo ao bem, todos se definiriam para sempre a favor de Deus, e não pecariam. Logo, não poderia ter havido um intervalo entre a criação e a prova. No instante seguinte ao aparecimento dos Anjos, é necessário que já se tenha dado o lance que determinou seu destino eterno.

Dessa forma, é justo afirmar que o primeiro ato do livre-arbítrio angélico foi o de alistar-se no esquadrão de Deus ou no dos seus inimigos, e que a

luta esteve vinculada à sua natureza desde os primórdios.

Trata-se, agora, de descobrir o que os levou a tal definição.

A prova

A Sagrada Escritura e o Magistério não entram em detalhes sobre o assunto da prova, dando largas, assim, à especulação teológica.

Segundo Tertuliano, São Cipriano, São Basílio e São Bernardo, o que decidiu o destino eterno dos Anjos foi o anúncio da Encarnação do Verbo.⁷

São Tomás,⁸ seguindo as duas principais opiniões da Patrística, é bem mais genérico. Para o Doutor Angélico, o anjo pecou primeiramente por soberba, querendo ser como Deus. Ora, isso lhe seria concedido se perseverasse. Trata-se propriamente da bem-aventurança final: “Seremos semelhantes a Deus, porquanto O veremos como Ele é” (I Jo 3, 2). Entretanto, o demônio quis conquistar essa elevação, não pelo auxílio divino, mas pelas próprias forças. O elemen-

to inicial da prova seria reconhecer-se dependente do Criador para alcançar a perfeição.

Em segundo lugar, os anjos maus viram-se ofuscados pelo bem eminentemente concedido pelo Altíssimo a um ser de natureza inferior à sua: o homem. Tomaram-se então de inveja, não só do gênero humano, mas também de Deus, que se utilizou dessa dádiva para sua própria glória.

Que bem era esse? Não poderia consistir no dom da graça, pelo qual recebemos uma participação da natureza divina. Isso, como foi visto, o demônio sabia que também possuiria. Tem de ser algo superior. Todas as evidências parecem convergir para a Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas São Tomás prefere não chegar a tal conclusão...

Contudo, a parcimônia do Santo Doutor acaba abrindo margem para irmos além da figura do Verbo Encarnado. É evidente que Nosso Senhor está infinitamente acima de todos os espíritos angélicos. Mas não haverá outros especialmente amados, a quem Ele conferiu uma dignidade superior à angélica? Por exemplo, por que não supor que Nossa Senhora, Mãe de Deus e Rainha dos Anjos, tenha sido também um dos elementos da prova?

Uma estrela cai do firmamento

Seja qual for a revelação feita aos Anjos, um deles se ergue contra o desígnio divino e arrasta consigo toda uma legião. É Lúcifer.

Este, que até o presente havia sido o maior entre todos os Anjos,⁹ aban-

dona sua dignidade para converter-se no protótipo daqueles cujos nomes estão apagados no Livro da Vida (cf. Ap 20, 15).

Dir-se-ia que a Bíblia tem repulsa de mencioná-lo. As passagens que tratam do seu gesto de revolta, se analisadas em sentido literal, referem-se sempre a outras pessoas e circunstâncias.

Seu nome não consta nenhuma vez no texto sagrado. O costume de chamá-lo dessa forma vem de um versículo de Isaías, no qual o profeta invectiva o rei da Babilônia: “Então! Caíste dos Céus, astro brilhante, filho da aurora!” (14, 12).¹⁰

O termo “astro brilhante” faz alusão ao planeta Vênus, chamado também pelos antigos de estrela da manhã, porque surge no firmamento antes do astro rei.

São Jerônimo, na Vulgata, traduz a expressão por *Lucifer*. Ora, como alguns Padres aplicaram o referido trecho à queda do chefe dos demônios, esse nome começou a ser utilizado para designá-lo.¹¹

Entretanto, é muito belo que o mesmo título *estrela da manhã*, atribuído ao mais alto dos Anjos, seja agora uma das milhares de pedras preciosas que ornam a coroa da Santíssima Virgem. Por sua humildade, Nossa Senhora mereceu uma dignidade muito superior: Ela é a verdadeira Estrela da Manhã, cujo trono está posto acima de toda a milícia celeste.

Quanto ao infame clamor de Lúcifer – “Não servirei!” –, o Profeta Jeremias o põe na boca do povo de Israel (cf. 2, 20).

O brado da fidelidade

Um espírito resiste em face ao maior dos Anjos. Seu nome, Miguel – *Mika’el*, em hebraico –, expressa uma pergunta: “Quem é como Deus?” A frase recorda, ao mesmo tempo, o brado desafiador de um cavaleiro sem mancha, e a interrogação mística de alguém que discerne a fundo a grandeza do Altíssimo e reconhece seu próprio nada diante d’Ele.

O desprezo que as Escrituras parecem nutrir para com o chefe dos demônios contrasta com a veneração que manifestam pela figura de São Miguel.

De todos os Anjos que aparecem no Apocalipse, ele é o único citado nominalmente. No Livro de Daniel, o próprio São Gabriel elogia sua grandeza, chamando-o de “Grande Príncipe” (12, 1).¹² Ele – e somente ele – recebe da Bíblia o título de *Arcanjo* (cf. Jd 1, 9), ou seja, um Anjo superior, o primeiro na milícia celeste.¹³

Miguel congrega sob suas ordens todos os Anjos que permanecem fiéis e a guerra se inicia.

Começa o embate

É extremamente difícil – para não dizer impossível – deduzir e até mesmo imaginar como seria uma batalha entre puros espíritos.

É certo que os Anjos são poderosíssimos. Sabemos que um só deles bastou para matar 185.000 homens de armas do exército de Senaquerib em uma única noite (cf. II Rs 19, 35). Uma guerra entre “milhares e milhares” desses seres supera de longe o poderio destrutivo de qualquer armamento humano.

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.61, a.4.

² Cf. Idem, q.66, a.3. O fogo, por suas propriedades, é o elemento material que melhor simboliza a natureza angélica (cf. PSEUDO-DIONÍSIO

AREOPAGITA. La jerarquía celeste, c.XV, n.2. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 2007, p.156-158).

³ Cf. SÃO CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses pré-batismais*. Petrópolis: Vozes, 1978, p.213.

⁴ Cf. SANTO AGOSTINHO. De civitate Dei. L.XI, c.19-20. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1958, t.XVI, p.746-748.

⁵ Cf. DH 286.

⁶ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.63, a.3; 6.

⁷ Cf. BERNET, Anne. *Enquête sur les Anges*. Paris: Perrin, 1997, p.41, nota 2.

⁸ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.63, a.2-3.

⁹ Cf. Idem, q.63, a.7.

Mas como travariam eles o combate? Haveria táticas, escaramuças, avanços e recuos, enfim, tudo aquilo que é próprio às guerras dos homens? Não há elementos sequer para levantar hipóteses a respeito... Salvo um.

Felizmente, um homem viu misticamente a guerra e deixou sua descrição consignada para a História. Com base nela, algo do mistério se desvenda.

Narra São João Evangelista no Apocalipse: “Houve uma batalha no Céu. Miguel e seus Anjos tiveram de combater o Dragão” (12, 7).

Segundo certa interpretação, aqui está expresso que os bons tomaram a dianteira. O primeiro a avançar é Miguel com seu exército. Somente na frase seguinte se diz que o Dragão travou combate.¹⁴

A luta se inicia em absoluta vantagem para as hostes do bem. Em primeiro lugar, o número dos Anjos fiéis supera o dos demônios (cf. Ap 12, 4). Ademais, o esquadrão de São Miguel já passou pela prova, e encontra-se agora na visão beatífica.¹⁵ Lúcifer e os seus lutam exclusivamente com os dotes da natureza, enquanto os outros contam com uma perfeição sobrenatural: estão divinizados.

“O Dragão e seus anjos travaram combate, mas não prevaleceram” (12, 7-8).

O revide do Dragão é seguido imediatamente por sua ruína: “não prevaleceram”. Derrota humilhante, como sugere o original grego: “não foram fortes”.¹⁶ Ou seja, Lúcifer não apenas perdeu a guerra, mas toda a pujança de sua natureza angélica, tendo rejeitado a graça, viu-se reduzida a um es-



São Miguel Arcanjo - Igreja de Santa Maria, Waltham (EUA)

“Quem é como Deus?” Eis o brado desafiador de um cavaleiro sem mancha, que discerne a fundo a grandeza do Altíssimo

tado de absoluta fraqueza diante da mão poderosa de Deus.

A vitória!

Uma vez constatado o triunfo, São Miguel não permite concessões ou acordos. Sua forma de guerrear, sem trégua nem quartel, só se detém quando atinge as últimas consequências. Segue-se a justa expulsão:

“E já não houve lugar no Céu para eles. Foi então precipitado o grande Dragão, a primitiva serpente, chamado Demônio e Satanás, o sedutor do mundo inteiro. Foi precipitado na terra, e com ele os seus anjos” (12, 8-9).

São João parece querer recalcar a violência com que os demônios foram lançados no abismo. “Não houve lugar” é uma frase hebraica que indica uma expulsão sem volta atrás, uma degradação total e irreversível de um determinado posto ou dignidade.¹⁷ Como se isso não bastasse, o Apóstolo repete duas vezes “foi precipitado”, quase como quem exulta diante da vitória e quer rememorar, degustar e deliciar-se outra vez com a maravilhosa cena do último golpe.

Há ainda muitos mistérios em torno do acontecimento que inaugurou a História dos Anjos. A investigação amorosa que os Santos e Doutores realizaram ao longo dos séculos não fez senão levantar pontas de véu.

Apesar disso, em meio às muitas incógnitas que revestem a guerra de extermínio dos Anjos contra os demônios, uma verdade permanece meridianamente clara: a vitória é patrimônio exclusivo dos que combatem por Deus. ✧

¹⁰ O texto completo é: “Então! Caíste dos Céus, astro brilhante, filho da aurora! Então! Foste abatido por terra, tu que prostravas as nações! Tu dizias: ‘Escalarei os céus e erigirei meu trono acima das estrelas. Assentar-me-ei no monte da assembleia, no extremo

norte. Subirei sobre as nuvens mais altas e me tornarei igual ao Altíssimo’. E, entretanto, eis que foste precipitado à morada dos mortos, ao mais profundo abismo” (Is 14, 12-14).

¹¹ Cf. GARCÍA CORDERO, OP, Maximiliano. *Biblia co-*

mentada. Libros proféticos. Madrid: BAC, 1961, v.III, p.155.

¹² Segundo a tradução da Bíblia de Jerusalém.

¹³ Cf. BERNET, op. cit., p.127.

¹⁴ Cf. BARTINA, SJ, Sebastián. Apocalipsis de San Juan. In:

NICOLAU, SJ, Miguel et al. *La Sagrada Escritura. Nuevo Testamento.* Madrid: BAC, 1962, v.III, p.706.

¹⁵ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.62, a.5.

¹⁶ Cf. BARTINA, op. cit., p.706.

¹⁷ Cf. Idem, p.707.

Despretensão e generosidade



Às suas notórias virtudes, Lídia somou um cuidadoso apagamento de si mesma. Pouco se conhece de sua história, mas sua fidelidade ao chamado de Deus marcou o desabrochar da Igreja em Filipos e em todo o solo europeu.



Lorena Mello da Veiga Lima

Ao acompanharmos a narração da vida pública de Nosso Senhor, chamamos a atenção algumas figuras femininas que nela aparecem, como a sogra de São Pedro, que apenas curada da febre pôs-se a servir o Salvador (cf. Mt 8, 14-15), ou a cananeia que implorou a paz para sua filha possessa e cuja Fé profunda comoveu o próprio Deus humanado (cf. Mt 15, 21-28), ou ainda a hemorroíssa, a qual confiou a tal ponto no poder do Divino Mestre que logrou ver-se livre de sua doença simplesmente por Lhe tocar as sagradas vestes (cf. Mc 5, 25-29). E o que dizer da samaritana a quem Jesus ofereceu a água viva? Não contente em haver encontrado a salvação para si, apressou-se em levar a Boa-Nova a todos de sua cidade (cf. Jo 4, 7-42).

Não poderíamos deixar de considerar também aquelas que seguiram mais de perto Nosso Senhor em sua missão evangelizadora, para em tudo Lhe assistir (cf. Lc 8, 1-3). Cer-

tamente influenciadas pelo exemplo supremo e perfeitíssimo da Santíssima Virgem, Mãe e Sustentáculo da Igreja, as Santas Mulheres são um precioso modelo de dedicação e amor abrasado ao Cordeiro Divino. Vencendo sua frágil natureza, elas O acompanharam até o Calvário e, mais tarde, proclamaram convictas sua vitoriosa Ressurreição.

Na esteira dessas damas que brilharam por sua virtude na Igreja nascente, encontramos, ainda no

século I, uma alma da qual pouco se comenta. A Liturgia, porém, narra em breves traços sua história durante o Tempo Pascal, a fim de discretamente ressaltar sua ligação com a pregação da Palavra.

Para melhor compreender o papel que ela foi chamada a desempenhar, façamos uma viagem. Embarquemos com Paulo, Lucas, Timóteo e Silas num navio que, neste momento, partirá do porto de Trôade.

Viagem à Macedônia

Inicialmente, o Apóstolo das Gentes desejava evangelizar a Bitínia; no entanto, o Espírito de Jesus o impediu. Tendo descido a Trôade, certa noite um macedônio lhe suplicou em sonhos que fosse em seu auxílio. Reconhecendo neste fato um superior desígnio divino, São Paulo e seus três companheiros puseram-se a caminho – juntamente conosco!

Após passarmos pela Samotrácia, aportamos em Neápolis e chegamos por fim a Filipos, principal urbe

Lídia possuía uma alma tão cristã que, tendo ouvido falar de Jesus, logo O reconheceu como o Caminho, a Verdade e a Vida

daquela região da Macedônia, onde nosso grupo se deteve por alguns dias... (cf. At 16, 6-12).

Essa cidade havia sido fundada pelos Trácios no século IV a.C. Chamara-se originalmente Krénides, termo que significa *fonte* e parece muito simbólico, pois dali – primeiro território europeu evangelizado – brotariam abundantes graças que impulsionariam a vida da Igreja na região. Em 360 a.C., Felipe II da Macedônia a reconstruiu, estabelecendo nela sua residência e dando-lhe o nome. Em 31 a.C., Filipos foi transformada em colônia romana.¹

Entretanto, qualquer fato notável que essa cidade tenha presenciado ao longo da História perde seu brilho se comparado ao que agora se realiza: “[Nela desembarcam] os anunciadores de uma nova liberdade, arautos de um outro conquistador do universo, que sem espada iriam fazer mais pela libertação do mundo do que todos os paladinos da liberdade juntos!”²

Primeiros frutos do apostolado

Durante nossa estadia em Filipos, num dia de sábado, caminhamos fora da porta da cidade para junto do histórico Rio Gangas, onde nos parecia haver um lugar de oração. Ora, ali estavam reunidas algumas mulheres (cf. At 16, 13), as quais “não possuíam grande ciência, é verdade, mas as animava uma viva inquietação religiosa e, a quem a possui, Deus leva mais longe. Na presença destas boas mulheres, Paulo podia dar livre curso ao seu coração”.³

Dentre essas piedosas almas, uma nos chama especialmente a atenção: Lídia, uma comerciante de púrpura da cidade de Tiatira, que escuta atenta. O

Senhor lhe abre o coração para atender o que diz Paulo e, por isso, ela pede para ser batizada com toda a sua família (cf. At 16, 14-15).

Em meio ao nosso apostolado, Lídia se destaca pela impressionante rapidez e profundidade de sua conversão. E, não contente com isso, faz-nos este pedido: “Se julgais que tenho fé no Senhor, entrai em minha casa e ficai comigo” (At 16, 15). Diante de tão comovente oferta, somos evidentemente obrigados a aceitar...

Findemos aqui nossa inusitada viagem e permaneçamos hospedados junto à nossa neófito. Poderemos, assim, analisar com mais profundidade sua piedosa figura.

Desapegada dos bens do mundo

Tiatira ficava na região da Lídia, na Ásia Menor. Por ser nossa personagem uma estrangeira em Filipos, provavelmente tornara-se conhecida como “lídia”, ou seja, aquela que provinha da Lídia.

Havia muito sua terra natal se distinguia pelo comércio de púrpura. Esse pigmento era, sem dúvida, o mais caro da Antiguidade. E com razão! Para obtê-lo, precisava-se reco-

lher milhares de moluscos do gênero *murex*, encontrados nas costas do Mar Mediterrâneo. As glândulas desses animais secretavam um fluido branco que, exposto ao sol, aos poucos ia tomando uma cor púrpura. Contudo, só podemos ter uma noção clara de quão árduo resultava o trabalho se levarmos em conta serem necessários dez mil moluscos para se extrair cerca de uma grama de pigmento!... Quiçá por esta razão, apenas os imperadores, reis e altos dignitários portavam vestes assim tingidas, tornando sua venda muito lucrativa.

Sem embargo, esta dama era desapegada das coisas do mundo. A Escritura a descreve como “temente a

Fora da porta da cidade para junto do Rio Gangas, estavam ali algumas mulheres, em cuja presença Paulo podia dar livre curso ao seu coração



Fotos: Reprodução

Mural representando o batismo de Lídia e outras cenas da vida de São Paulo - Irvine (EUA); na página anterior, afresco de Santa Lídia - Batistério de Santa Lídia, Cavala (Grécia)



São Paulo batizando Lídia e sua família - Batistério de Santa Lídia, Cavala (Grécia)

Deus” (At 16, 14), ou seja, voltada para Ele. “Lídia possuía uma dessas almas tão naturalmente cristãs que, tendo ouvido falar de Jesus, logo O reconheceu como o Caminho, a Verdade e a Vida”.⁴

Uma alma dotada de preciosas qualidades

Impressiona também que Lídia não guardou a alegria da conversão somente para si, mas quis de imediato conquistar os seus mais próximos para Cristo. Josef Holzner bem descreve sua decisão: “Era uma mulher prudente e reflexiva. Uma hábil mulher de negócios sabe examinar tudo com ponderação. Neste caso, porém, não duvidou nem refletiu um só instante. Com uma rapidez extraordinária, decide-se a receber o Batismo. [...] Mulher de negócios resoluta e firme, dotada de uma vigorosa voz de dona de casa, habituada ao comando, em breve Lídia levou ao Batismo todos os criados da sua casa. Mais ainda, dada a sua transbordante capacidade de ação, é natural que atuasse não só em Filipos mas também na sua terra natal, Tiátira”.⁵

Outra qualidade incomum de que deu mostras nossa comerciante de púrpura foi sua generosidade em procurar dar o melhor aos enviados do Senhor. Sua abastada residência seria, dali em diante, o lugar de descanso para os missionários e a comunidade onde se reuniriam os cristãos da região para a celebração dos santos mistérios. “Dessa maneira, a casa de Lídia tornou-se [...] a primeira igreja na Europa”.⁶

Não era costume de São Paulo aceitar facilmente doações (cf. II Cor 11, 9; I Tes 2, 9; II Tes 3, 8), as quais poderiam torná-lo alvo de calúnias, como a de que “evangelizava” por ganância... No entanto, como narram os Atos dos Apóstolos, Lídia “obrigou-os” (cf. At 16, 15) a aceitar sua oferta, manifestando assim sua notável personalidade e força de vontade.

São João Crisóstomo expressa sua admiração por essa santa mulher com as seguintes palavras: “Vede a prudência de Lídia, como insiste com os Apóstolos! Com que humildade e sabedoria lhes fala: ‘Se julgais que sou fiel ao Senhor!’ Nada mais eficaz para os persuadir. Quem não se entornece-

O Senhor lhe abre o coração para atender o que diz Paulo e, por isso, ela pede para ser batizada com toda a sua família

ria com essas palavras? Mais que suplicar e deixar ao arbítrio dos Apóstolos ir ou não à sua casa, ela os obriga com suas palavras: ‘Obrigou-nos’. Vede como logo ela produz frutos, e como a vocação lhe parece um bem inapreciável”.⁷

O apreço de São Paulo aos filipenses

As Sagradas Escrituras não especificam quantos dias eles permaneceram em Filipos. Sabe-se, porém, que São Paulo guardou um grande apreço pelos fiéis daquela região. Apesar da perseguição ali sofrida (cf. At 16, 16-40), o amor que os filipenses tinham a Deus marcou profundamente a alma do Apóstolo, como ele próprio demonstra em sua carta: “É justo que eu tenha bom conceito de todos vós, porque vos trago no coração, por terdes tomado parte na graça que me foi dada, tanto na minha prisão como na defesa e na confirmação do Evangelho. Deus me é testemunha da ternura que vos consagro a todos, pelo entranhado amor de Jesus Cristo!” (Fl 1, 7-8). Mais adiante, ainda os chama de “meus muito amados e saudosos irmãos, alegria e coroa minha” (Fl 4, 1).

Após a partida de Paulo, os filipenses permaneceram unidos em espírito àquele que os havia gerado em Cristo Jesus (cf. I Cor 4, 15). A ponto de, tempos depois, ao tomarem conhecimento dos apuros que sofria seu querido pai espiritual em suas

ousadias missionárias, mandarem-lhe todo o necessário, e até mesmo o supérfluo (cf. Fl 4, 16-18). Não seria de estranhar se muitas dessas dádivas proviessem das mãos de sua fiel discípula Lídia...

O valor de um “sim” à vontade de Deus

No Corpo Místico de Cristo, quando um membro é fiel à graça, todos os outros são com ele beneficiados; quando, ao contrário, alguém é infiel, todo o conjunto se vê prejudicado. Cada alma tem um “peso” específico nessa comunhão, segundo os desígnios que Deus lhe reservou.

Qual teria sido, então, o “valor” de Lídia, a primeira convertida em solo europeu? Trata-se de um enigma difícil de se decifrar... Sobretudo porque, às suas notórias virtudes, ela soube somar um cuidadoso apagamento de si mesma.

Pouco se conhece de sua história, mas certo é que, a exemplo da San-

tíssima Virgem (cf. Lc 1, 38), ela deu o seu pronto e generoso “fiat” à vontade de Deus, cooperando assim na difusão do Evangelho. A Lídia bem se poderiam aplicar as palavras dirigidas, no Apocalipse, ao Anjo da Igreja de Tiatira: “Conheço tuas obras, teu amor, tua fidelidade, tua generosidade, tua paciência e persistência” (2, 19).

No fim da sua vida, sua alma deve ter subido até a presença de Deus

*Ela deu o seu
pronto e generoso
“fiat” à vontade
de Deus,
cooperando assim
na difusão do
Evangelho*

como uma oferta de suave odor! E não parece exagerado pensar que, com sua correspondência, ela colaborou poderosamente para que a Santa Igreja se estabelecesse sobre todo o continente europeu.

Incluída no rol dos Santos

Embora nos falte informações a respeito de como se estabeleceu o culto a Santa Lídia, os sinais de sua santidade encontram-se bem prenunciados em sua pronta resposta ao convite da graça. Sabe-se apenas que foi o Cardeal César Barônio, encarregado pelo Papa Gregório XIII da revisão do *Martirologio Romano* no século XVI, quem a introduziu no catálogo dos Santos.⁸

Considerada padroeira dos comerciantes, podemos também invocá-la se quisermos que o Senhor abra nossos corações, como fez com o dela, e nos torne fervorosos receptáculos de suas graças e de seus desígnios! ✧

Peter Nelson CC BY-SA 3.0



MrPamyGoff (CC by-sa 3.0)

Ruínas da cidade de Filipos (Grécia), onde Santa Lídia conheceu São Paulo

¹ Cf. MARTÍNEZ PUCHE, OP, José A. (Dir.). *Nuevo Año Cristiano*. 3.ed. Madrid: Edibesa, 2002, v.VIII, p.78.

² HOLZNER, Josef. *Paulo de Tarso*. Lisboa: Aster, 1958, p.200.

³ Idem, p.201.

⁴ Idem, ibidem.

⁵ Idem, p.202.

⁶ SGARBOSSA, Mario; GIOVANNINI, Luigi. *Um Santo*

para cada dia. 13.ed. São Paulo: Paulus, 2006, p.231.

⁷ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *In Acta Apostolorum*. Homilia XXXV: PG 59, 253.

⁸ Cf. LEITE, SJ, José (Org.). *Santos de cada dia*. 3.ed. Braga: Apostolado da Oração, 1994, v.II, p.501.



Mozambique – Desde 2017, os Arautos do Evangelho estão construindo em Matola a primeira igreja em estilo gótico do país. Estará dedicada a Nossa Senhora Porta do Céu e poderá acolher até 800 pessoas. Os fiéis da região poderão participar da Santa Missa e receber o Sacramento da Reconciliação.



Mairiporã (SP) – No início da Páscoa foram distribuídos ovos de chocolate nas capelas Sagrada Família (foto 1) e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (foto 3), da Paróquia Nossa Senhora das Graças, bem como em bairros vizinhos à Basílica de Nossa Senhora do Rosário (foto 2).



Espanha – Na Paróquia de São Raimundo Nonato, em Valência, cooperadores dos Arautos promoveram uma cerimônia de Consagração a Jesus pelas mãos de Maria Santíssima, realizada no dia 19 de março, Solenidade do Patriarca São José.



Fotos: Roberto Vega

Guatemala – Na Sexta-Feira Santa, após o ofício da Paixão, membros dos Arautos rezaram a Via-Sacra percorrendo os terrenos adjacentes à Casa de Formação dos Arautos em San José Pinula. Uma chuva suave ameaçou interromper a procissão, mas logo depois foi substituída por um reluzente arco-iris.



1



2



3



4



5

Fotos: Kaue Cezario

Compromissos renovados e igreja em construção

No dia 22 de fevereiro, aniversário da aprovação pontifícia dos Arautos do Evangelho, cooperadores de El Salvador renovaram seus compromissos com a instituição durante uma Celebração Eucarística presidida pelo Pe. Fernando Gioia, EP, e concelebrada por mais dois sacerdotes, na casa dos Arautos de San Salvador (fotos 2, 3 e 4). Em 24 de março sacerdotes, irmãos, cooperadores e benfeitores reuniram-se no

local onde está começando a ser erigida a Igreja Nossa Senhora de Fátima e São Paulo Apóstolo (foto 1) para impetrar as bênçãos divinas sobre a construção. Pediu-se especialmente que a edificação chegue a bom termo o quanto antes e os trabalhadores sejam protegidos de todo mal. Medalhas de Nossa Senhora das Graças foram abençoadas e depositadas nos alicerces da obra (foto 5). ✧



Sacerdote e fiéis são assassinados na Nigéria

No dia 30 de março, terça-feira da Semana Santa, o Pe. Ferdinand Fannen Ngugban e seis fiéis foram assassinados num ataque terrorista à Paróquia São Paulo, na comunidade de Aye-Iwar, na Nigéria.

O Pe. Ferdinand acabava de celebrar a Eucaristia e se preparava para participar da Missa Crismal na Catedral de São Geraldo Majella quando, tendo ouvido ruídos do lado de fora da igreja, saiu para averiguar do que se tratava e foi surpreendido por homens armados. Antes que tivesse tempo de se proteger, estes dispararam. Seu corpo foi encontrado depois com uma ferida de bala na nuca, junto a outras seis vítimas. O grupo de criminosos ainda assaltou a comunidade e incendiou várias casas.

O ataque se deu poucos dias depois de outro sacerdote, Pe. Harrison Egwuenu, ter sido libertado de um sequestro que durou uma semana. Ante a crescente perseguição religiosa que assola o país, Dom Ignatius Ayau Kaigama, Arcebispo de Abuja, ressaltou a “necessidade urgente de que o governo nigeriano enfrente a situação, treinando os agentes de segurança para agir com mais eficácia”.

Virgem dos Desamparados percorre as ruas de Valência

Não sendo possível realizar neste ano a tradicional oferenda de flores à Virgem dos Desamparados, devido à pandemia da COVID-19, o Arcebispo de Valência, Cardeal Antonio

Cañizares Llovera, decidiu inverter os papéis, levando a imagem da Mãe de Deus como peregrina entre os fiéis.

Para isso, entre os dias 15 e 17 de março, a *Geperudeta*, como é carinhosamente chamada pelos valencianos, percorreu em um veículo as ruas da cidade, em especial as proximidades dos hospitais, permitindo a seus devotos saudá-la e rezarem à distância.

Durante todo o trajeto, o hino à padroeira e outros cânticos religiosos ressoaram pelas ruas por meio de alto-falantes. O itinerário não foi previamente avisado, o que redundou em surpresa e emoção para os que se deparavam com a imagem. Estes manifestavam sua alegria com vivas e aplausos à Santíssima Virgem.



Igreja do Rio Grande do Norte é elevada a basílica menor

No dia 25 de março, o estado brasileiro do Rio Grande do Norte ganhou sua primeira basílica. Trata-se da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia, elevada à categoria de basílica menor por um decreto emanado da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. A leitura do documento foi feita pelo Bispo Diocesano de Caicó, Dom Antônio Carlos Cruz Santos, MSC, ao término da cerimônia de dedicação do altar.

Segundo declarou o Pe. Fabiano Maurício Dantas, reitor da nova basílica, a concessão do título se deu graças à arquitetura do templo e sua importância histórica.

A Paróquia Nossa Senhora da Guia, erigida em 1835, é uma das mais antigas do estado e sua igreja matriz, inaugurada em 1867, tornou-

-se um referencial de piedade mariana para os fiéis dos municípios vizinhos. Com efeito, essa invocação da Santíssima Virgem foi a primeira a ser venerada no Seridó, região do Rio Grande do Norte em que se encontra Acari. O início da devoção remonta ao ano de 1738, quando a construção de uma capela a Ela dedicada marcou a fundação do povoado que nas décadas subseqüentes daria origem à cidade.



Carmelitas do Vietnã celebram retorno a mosteiro

Na Solenidade de São José, o Arcebispo de Hue, Vietnã, presidiu uma Eucaristia de Ação de Graças para comemorar o 25º aniversário do retorno das carmelitas descalças ao seu mosteiro, confiscado pelo regime comunista em 1975. Cinquenta sacerdotes e trezentos leigos participaram da celebração.

Na homilia, Dom Joseph Nguyen Chi Linh ressaltou o quanto o Santo Patriarca amparou as religiosas, que tiveram de suportar grandes sofrimentos físicos, morais e psicológicos naqueles tempos difíceis. Ainda durante a Missa, o celebrante, que é também presidente da Conferência Episcopal Católica do Vietnã, abençoou um campanário recém-construído, uma imagem de dois metros de altura do Esposo de Maria e muitas cruzes de madeira.

O mosteiro atualmente conta com cinquenta e cinco freiras e nove noviças que dedicam sua vida à oração e ao sacrifício, em benefício dos sacerdotes, dos mais necessitados e da Igreja Católica no Vietnã.

Igrejas são profanadas durante manifestações feministas

As manifestações realizadas em 8 de março último, Dia Mundial da Mulher, foram ocasião de profanações e atos de vandalismo contra igrejas em diversas cidades da América Latina.

Em Bogotá, um grupo de mulheres atentou contra a Igreja de São Francisco, uma das mais concorridas da Colômbia. Elas tentaram atear fogo na porta do templo e picharam as paredes exteriores. Os prejuízos teriam sido mais sérios se autoridades não tivessem intervindo com presteza. Uma das revoltosas jogou nas chamas uma cruz com escritos ofensivos à Fé Católica.

Também na Colômbia foram registrados ataques contra a Catedral de Ibagué, diante dos quais o pároco, Pe. Félix García Angarita, expressou sua perplexidade:

“Sujam a imagem da mulher, que é de ternura, acolhida, fraternidade, bondade e não vandalismo”.

Já na Argentina, a Catedral de Salta teve de ser defendida por policiais, no mesmo dia, contra outro ataque realizado por mulheres, que lançavam contra ela pedras, bengalas e tochas acesas, enquanto cantavam slogans blasfemos. Uma imagem peregrina do Senhor do Milagre foi danificada durante o episódio.

No México houve manifestações análogas. Participantes da marcha feminista realizada na cidade de Oaxaca entraram violentamente na Igreja de São Cosme e São Damião, picharam paredes, janelas, móveis e danificaram a imagem de São Judas Tadeu. Outros edifícios ainda foram avariados pelo mesmo grupo.

Fotos: Reprodução



Nas fotos, ataque contra a Igreja de São Francisco, Bogotá; imagem de São Judas Tadeu danificada em Oaxaca (México); e captura da transmissão ao vivo dos altercados frente à Catedral de Salta (Argentina)

Nesse mesmo dia, o Cardeal Pierre Nguyen Van Nhon, Arcebispo emérito de Hanói, presidiu uma Missa concelebrada por mais dois Bispos para comemorar o 160º aniversário da chegada das carmelitas ao país. Em 1860, quatro religiosas, comandadas pela Madre Philomena da Imaculada Conceição, francesa de Lisieux, desembarcaram em Saigon para fundar o primeiro mosteiro. Hoje a Ordem possui dez conventos no Vietnã, nos quais habitam quase trezentas freiras de clausura.



Seosan City Hall

Novo local de peregrinação internacional na Ásia

O Santuário sul-coreano de Haemi, cenário do martírio de milhares de católicos, foi proclamado pelo Vaticano como local de peregrinação internacional, segundo anúncio feito pelo Bispo de Daejeon, Dom Laza-

rus You Heung-sik, no dia 1º de março. Trata-se do segundo lugar da Coreia do Sul e o terceiro da Ásia a receber esse reconhecimento.

Situado a duzentos e oitenta quilômetros de Seul, o Santuário de Haemi testemunha a Fé de aproximadamente dois mil católicos que, entre 1866 e 1882, ali foram presos, torturados e sepultados vivos durante a perseguição levada a cabo pelos reis da Dinastia Joseon. A maioria desses mártires permanece anônima, pois a História conservou o registro dos nomes de apenas 132 deles.



Ilustração: Tatiana Villegas

Enquanto admirava a beleza da Ópera de Londres, uma discussão acirrada chamou minha atenção. Afinal, de quem era a culpa?! Ou melhor, quem tinha a solução?



Estella Thy Phan

Andando pelas ruas de Londres, deparei-me com a Royal Opera House. Encantada, parei para contemplar a sua fachada em estilo grego, composta por seis colunas com capitéis à moda coríntia, ao mesmo tempo altas, robustas e austeras.

Resolvi, nesse momento, entrar no majestoso edifício. Ao ver os camarotes ornados com detalhes dourados da época barroca, fiquei maravilhada e me detive para examiná-los com vagar.

Porém, enquanto me entretinha com a formosura dessa obra arquitetônica, ouvi sussurros vindos do palco. “Que estranho!”, pensei, pois o teatro estava vazio no momento.

Olhei ao meu redor e, intrigada, aproximei-me da fonte daqueles ruídos. Qual não foi minha surpresa ao

perceber que tais sussurros não vinham de pessoas como eu, mas dos instrumentos musicais que lá se encontravam!

Prestando atenção, comecei a acompanhar o que diziam. Tratava-se de uma pitoresca discussão.

— A culpa está no órgão! – disseram vários instrumentos em uníssono – Ele sempre rouba as notas dos outros! É um ladrão!

O acusado, tomando ar majestoso, suspirou e disse:

— Não, senhores! Não percebem que o culpado é o trompete? Ele é de fato um orgulhoso, porque vive chamando atenção sobre si!

Sentindo-se ferido com a acusação, o instrumento de sopro redarguiu indignado:

— Ora essa, senhor órgão! É fácil colocar a culpa no trompete! O oboé

é o verdadeiro responsável, pois, sendo muito competitivo, vive dividindo tudo com suas discussões!

Ouvindo isso, o oboé, irritado, bradou num tom autoritário:

— O senhor trompete está inteiramente errado! Deveria acusar o violino. Ele se levanta e todos temos que lhe obedecer: quando ele sobe, todo mundo tem de subir; quando se abaixa, é nosso dever abaixar-nos também... Para quê?! Para satisfazer seus caprichos! Isso é injusto!

Olhando de soslaio para o oboé e após fazer um momento de suspense, o violino respondeu secamente:

— Se me permitirem, nem comentarei as palavras do senhor oboé, que só diz isso sobre mim por inveja e ciúmes. Mas a culpa está na viola. Ela vive insegura, sempre acompanhada ou acompanhando, enquanto os

outros sofrem a dureza de ser solistas! Isso é realmente injusto! O que acham?

A viola começou de fato a ficar insegura, e pensou consigo: “Como sairei desta? É verdade que só toco acompanhada e acompanhando... Vou colocar a culpa nos baixos!” E num tom presunçoso, de quem disfarça o seu defeito, respondeu:

— Não, não, não! Olhem para os senhores *cello* e contrabaixo. São tão graves que deixam a orquestra tenebrosa e triste... Assim não dá! É preciso que tudo seja animado e alegre!

O violoncelo e o contrabaixo se entreolharam. Este último, sendo o mais veterano, tomou a palavra e reardarguiu com seu tom característico:

— Desculpe a interrupção, senhora viola, mas sua acusação está fora das leis da harmonia. É preciso sermos equilibrados! Compreenda bem: se nós pararmos de tocar, a música fica quase vazia e sem força, porque somos indispensáveis para o conjunto! Perdão, mas... A dispensável é a senhora!

A viola, ainda querendo se justificar, titubeou:

— Acham que não sou equilibrada?

da? Pelo contrário! Nem sou aguda como o violino, que pode dar um ar extremamente superficial à melodia, nem grave como os baixos que facilmente tornam pesada a música. Eu represento o equilíbrio dentro da orquestra!

Duas horas de discussão haviam passado e os instrumentos não cansavam de brigar. Eu estava quase me impacientando, quando de súbito vi entrar pela porta central o grande Georg Friedrich Händel, vestido com um casaco vermelho escuro e uma peruca branca. Seu pescoço estava ornado por um lenço que pendia nobremente sobre o peito.

Os instrumentos, ao verem o maestro se aproximar, iniciaram uma verdadeira comoção: cada um queria dar o seu palpite. Händel, entretanto, vendo a bagunça que reinava no palco, colocou ordem no lugar com apenas o seguinte brado, acompanhado por algumas palmas:

— Basta de discussões! Vamos iniciar a execução. Cada um em seu devido posto!

Na velocidade do relâmpago, os instrumentos se puseram nos respectivos lugares: o órgão se colocou no centro do palco; o trompete foi para o fundo, com a intenção de ser mais humilde; depois veio o oboé e se dis-



A um sinal do compositor todos iniciaram a magnífica abertura

pôs ao lado dele, desta vez sem competição e discussão; logo em seguida os baixos, com leves sorrisos, tomaram posições; a viola dirigiu-se resolutamente ao seu posto e finalmente o violino posicionou-se solenemente do lado esquerdo de *Sir* Händel, assumindo o seu papel de *spalla*.

Com a descida do bastão do compositor, todos iniciaram magnificamente a abertura de seu mais famoso oratório: *The Messiah*.

Admirada, fiquei assistindo à peça e depois quis falar com *Sir* Händel.

— Sr. Händel, como o senhor conseguiu que eles parassem de...

De repente, escutei o despertador e acordei. Tudo fora um sonho...

Contudo, as cenas que nele vi se assemelhavam com um aspecto da realidade que os seres humanos enfrentam no dia a dia. Quando olhamos para nós mesmos, vemos defeitos, que evidentemente existem e atrapalham nossa via para o Céu. Entretanto, superamos tais obstáculos quando colocamos a nossa atenção na partitura e, sobretudo, no Divino Regente, que tudo harmoniza e soluciona! ✧



De repente, escutei o despertador e acordei. Tudo fora um sonho...

OS SANTOS DE CADA DIA

1. São José Operário.

São Jeremias, profeta. Pre-nunciou a destruição da Cidade Santa e a deportação do povo israelita, e sofreu por isso muitas perseguições.

2. V Domingo da Páscoa.

Santo Atanásio, Bispo e Doutor da Igreja (†373 Alexandria - Egito).

Beato Guilherme Tirry, presbítero e mártir (†1654). Sacerdote agostiniano executado durante o regime de Oliver Cromwell, na Inglaterra, por sua fidelidade à verdadeira Igreja de Cristo.

3. São Filipe e São Tiago Menor, Apóstolos.

São Teodósio, abade (†1074). Fundou em Kiev, Ucrânia, o Mosteiro das Grutas, dando início à vida cenóbica nessa região.

4. Santa Antonina, mártir (†séc. III/IV). Encarcerada durante dois anos e submetida a terríveis suplícios, foi afinal queimada, por recusar-se a renegar a Fé.

5. Santo Hilário de Arles, Bispo (†449). Monge do mosteiro de Lérins, eleito Bispo de Arles, França, acolheu os órfãos, socorreu os pobres e pregou aos pecadores a misericórdia de Deus.

6. Beata Maria Catarina Troiani, virgem (†1887). Religiosa franciscana nascida na Itália, que fundou no Cairo, Egito, as Irmãs Franciscanas Missionárias.

7. Santa Domitila, mártir (†séc. I/II). Sobrinha do cônsul Flávio Clemente, foi acusada de ter renegado os deuses pagãos e deportada à Ilha de Ponza, onde padeceu longo martírio.

8. São Gibriano, presbítero (†c. 515). Sacerdote irlandês que, por amor a Cristo, fez-se peregrino na Gália.

9. VI Domingo da Páscoa.

Beato Benincasa de Monte-

pulciano, religioso (†1426). Religioso da Ordem dos Servos de Maria, retirou-se numa gruta do Monte Amiata, Itália, onde levou uma vida penitente.

10. São João de Ávila, presbítero e Doutor da Igreja (†1569). Insigne místico espanhol, amigo de Santo Inácio de Loyola e conselheiro de Santa Teresa de Ávila.

11. São Mateus Lê Van Gam, mártir (†1847).

Foi degolado em Saigon, Vietnã, após um ano de cárcere, por ter

levado em seu barco os missionários europeus que evangelizaram a região.

12. Santos Nereu e Áquiles, mártires (†séc. III Roma).

São Pancrácio, mártir (†séc. IV Roma).

Beata Joana, virgem (†1490). Filha do Rei Afonso V de Portugal, recusou vantajosas propostas de matrimônio para ingressar no mosteiro dominicano de Aveiro.

13. Nossa Senhora de Fátima.

Beata Madalena Albrici, abadesa (†1465). Superiora do mosteiro agostiniano de Brunate, Itália, incentivou em suas irmãs o desejo de perfeição.

14. São Matias, Apóstolo.

Beato Gil de Vouzela, presbítero (†1265). De nobre família portuguesa, após exercer a medicina em Paris, ingressou na Ordem Dominicana, falecendo em Santarém, Portugal.

15. São Caleb, monge (†c. 535). Rei etíope que, para desagrar os mártires de Nagran, empreendeu o combate contra os inimigos de Cristo. Mais tarde enviou o seu diadema régio para Jerusalém e abraçou a vida monástica.

16. Solenidade da Ascensão do Senhor.

Beato Miguel Wozniak, presbítero e mártir (†1942). Deportado da Polônia para o campo de concentração de Dachau, Alemanha, onde sofreu cruéis tormentos antes de morrer.

17. Beata Antônia Mesina, virgem e mártir (†1935). Aos dezessete anos foi agredida por um jovem quando recolhia lenha num bosque próximo a Orgosolo, Itália,



Francisco Lecaros

Santa Joana d'Arc
Igreja Saint-Sauveur,
Saorge (França)

morrendo a golpes de pedra em defesa de sua castidade.

18. São João I, Papa e mártir (†526 Ravena - Itália).

São Félix de Cantalice, religioso (†1587). Frade capuchinho, passava a maior parte da noite em oração. De dia, percorria as ruas de Roma, pedindo esmolas e socorrendo os pobres e os doentes.

19. Beata Humiliana de Cerchi, viúva (†1246). Após a morte do marido, tornou-se terciária franciscana, dedicando-se exemplarmente à vida de oração, penitência e caridade.

20. São Bernardino de Sena, presbítero (†1444 L'Aquila - Itália).

Santa Lídia de Tiatira. Mulher “vendedora de púrpura e temente a Deus” (At 16, 14), ouviu uma pregação de São Paulo em Filipos da Macedônia, converteu-se e foi batizada juntamente com sua família.

21. São Cristóvão Magallanes, presbítero, e **companheiros**, mártires (†1927 México).

Santo Hemming, Bispo (†1366). Restaurou a disciplina eclesial na Diocese finlandesa de Turku, favoreceu os estudos clericais, deu mais esplendor ao culto divino e promoveu a paz entre os povos.

22. Santa Rita de Cássia, religiosa (†c. 1457 Cássia - Itália).

Beato Matias de Arima, mártir (†1620). Catequista de Omura, Japão, torturado até a morte por recusar-se a delatar os missionários.

23. Solenidade de Pentecostes.

São João Batista de Rossi, presbítero (†1764). Exerceu seu ministério em Roma, entre os pobres e prisioneiros, aos quais con-

sagrou todos os seus recursos e a maior parte de seu tempo.

24. Nossa Senhora Auxiliadora dos Cristãos.

São Simeão Estilita, o Jovem, presbítero e eremita (†592). Viveu longos anos sobre uma coluna no Monte Admirável, na Síria. Escreveu diversos tratados sobre vida ascética.

25. São Beda, o Venerável, presbítero e Doutor da Igreja (†735 Jarrow - Inglaterra).

São Gregório VII, Papa (†1085 Salerno - Itália).

Santa Maria Madalena de Pazzi, virgem (†1607 Florença - Itália).

Santo Aldelmo, Bispo (†709). Abade do mosteiro de Malmesbury que, célebre pelo ensino da doutrina, tornou-se o primeiro Bispo de Sherbone, na Inglaterra.

26. São Filipe Néri, presbítero (†1595 Roma).

Santa Mariana de Jesus Paredes, virgem (†1645). Terciária franciscana, dedicou-se a socorrer os pobres indígenas e os negros de Quito, Equador.

27. Santo Agostinho de Cantuária, Bispo (†604/605 Cantuária - Inglaterra).

Santas Bárbara Kim e Bárbara Yi, mártires (†1839). Morreram num cárcere de Seul durante a perseguição na Coreia. A primeira era viúva e a outra uma virgem de quinze anos.

28. Beata Maria Bartolomea Bagnesi, virgem (†1577). Terciária da Ordem da Penitência de São Domingos, suportou por mais de quarenta anos com heroica paciência os sofrimentos de uma grave enfermidade.

29. Beato Ricardo Thirkeld, presbítero e mártir (†1583). Executado em York, durante o reinado de Elizabeth I da Inglaterra, por exercer seu ministério sacerdotal e ter reconciliado muitos com a Igreja.

30. Solenidade da Santíssima Trindade.

Santa Joana d'Arc, virgem (†1431). Após ter combatido valentemente em defesa da pátria, foi entregue nas mãos dos inimigos, condenada num processo iníquo e queimada viva.

31. Visitação de Nossa Senhora.

São Félix de Nicóssia, religioso (†1787). Irmão leigo do convento capuchinho de Nicóssia, Itália, admitido na ordem após dez anos de insistência.



Francisco Lecaros

São Filipe Néri
Catedral de Santa María la Real,
Pamplona (Espanha)



Flor predileta de Deus

Salomão foi reconhecido por sua sabedoria. O lírio, porém, excede em valor simbólico a esse monarca porque remete àquela que, tendo se esvaziado de Si mesma, foi revestida da divindade.



Ir. Letícia Gonçalves de Sousa, EP

Mais um dia de pregação do Divino Mestre. No alto de um monte, perto do Lago Tiberíades, Jesus revela com palavras cheias de unção como devem ser seus verdadeiros seguidores. Termi-

nado o sermão, todos descem maravilhados.

No meio da multidão que caminha, um dos discípulos medita no que acabara de ouvir. Certa frase chamara especialmente sua atenção: “Considerai como crescem os lírios

do campo; não trabalham nem fiam. Entretanto, eu vos digo que o próprio Salomão no auge de sua glória não se vestiu como um deles” (Mt 6, 28-29).

Quanto mais refletia sobre ela, com mais força surgia uma pergunta em seu interior: “Dentre as flores

criadas, a única a receber um elogio do Rabi foi o lírio. Por que esta preferência?”

* * *

Exemplos tirados da natureza são inúmeras vezes usados na Sagrada Escritura para simbolizar realidades superiores, pois o mundo visível é imagem do próprio Deus. E quando Ele criou essa flor fê-lo atendendo altíssimos objetivos, entre os quais representar a beleza e pureza de Maria Santíssima.

“Como um lírio entre os espinhos, assim é minha amiga entre as jovens” (Ct 2, 2). O número de pétalas desta flor representa a tríplice relação de Nossa Senhora com a Santíssima Trindade: Ela é Filha predileta do Pai, Mãe amabilíssima do Filho e formosa Esposa do Espírito Santo.

A variedade de cores com que o Divino Artífice ornou esta flor deixou-nos sem saber qual delas possui maior beleza. Eis como Se apresenta Maria: à medida que conhecemos suas excelsas virtudes, não sabemos qual delas amar mais.

O aroma do lírio é insuperável! Sua fragrância parece restau-

rar a inocência! Ora, a santidade da Rainha do Universo é o perfume preferido do Senhor. Ele arrebatou os Anjos em caridade ardente, revigora as forças dos eleitos e penetra nos corações mais empedernidos.

Desde o princípio Deus elegeu Maria para ser sua Predileta, sua Esposa, sua Rainha. Fez de seu Imaculado Coração a arca onde estão depositados dons e graças excelentes. N’Ela, o Criador desceu à terra; e n’Ela, do mesmo modo, as criaturas sobem para o Céu. Em Maria se dá a vitória sobre a serpente proclamada no Protoevangelho – “Ela te pisará a cabeça” (Gn 3, 15) – e reafirmada em Fátima: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará!”

Salomão foi reconhecido por sua sabedoria; os magnatas de sua época o temiam e honravam. O lírio, porém, excede em valor simbólico a esse monarca porque remete Àquela que, tendo se esvaziado de Si mesma, foi revestida da divindade. O Apocalipse tenta descrever a grandeza dessa Dama quando diz: “uma Mulher vestida de sol, com a lua debaixo de seus pés, e uma coroa

de doze estrelas sobre a sua cabeça” (12, 1).


* * *

Restavam ao ardoroso discípulo poucas ruas para chegar à sua casa. De repente, seus olhos pousaram sobre certa Senhora de aparência discreta e modesta, mas transbordante de distinção. Era a Mãe do Mestre! Sem ele o esperar, o olhar da Nobre Dama pousou penetrante sobre aquele seguidor, tornando claras as ideias que se passavam em sua alma ao longo do caminho. A partir daquele momento, teve sempre o coração posto em Maria.

Façamos como ele. Se seguirmos com fidelidade nossa bondosa Mãe, veremos seu Reino nascer como um lírio em meio ao lodo contemporâneo, isto é, assistiremos ao surgimento da mais bela era da História no seio de uma época de extremos horrores. Deus Se inclinará sobre a terra como que abraçando-a e os homens se erguerão até tocar de algum modo no Céu.

Eis o que Nossa Senhora deseja nos conceder, se permanecermos fiéis ao seu amor. ✧





Descida do Espírito Santo
sobre Nossa Senhora e
os Apóstolos - Igreja dos
Servitas, Innsbruck (Áustria)

Alma toda feita de amor

O Espírito Santo é essencialmente Amor. Sua virginal Esposa, seu “alter ego”, para ser semelhante a Ele só poderia ter a alma toda feita de amor. E o encontro desses dois amores gerou a graça inédita que transformou homens pusilânimes em verdadeiros heróis da Fé!

A chama que pousou sobre cada Apóstolo representava, no fundo, a graça a eles concedida da certeza de quanto Deus e Nossa Senhora os amavam.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP